

435
ilustrações

Carlos
Eduardo Novaes
Vilmar Rodrigues

Capitalismo PARA PRINCIPIANTES

A HISTÓRIA DOS PRIVILÉGIOS ECONÔMICOS

Não era fácil no tempo das cavernas: o homem ainda não dominava a Natureza, era difícil conseguir alimentos, não havia excedentes de produção. Então o homem inventa armas e ferramentas, consegue produzir mais bens e os mais fortes passam a dominar os mais fracos: chega a escravidão, que divide os homens em senhores e escravos.

Com o tempo a escravidão evolui para o feudalismo, que se apóia na propriedade da terra e na servidão dos camponeses. Os que não produzem nada (nobreza e clero) são os que têm tudo. E os que não têm nada pagam tributos aos que têm tudo. Na sociedade feudal surgem os mercadores. No começo suas relações (comerciais) se dão na base do troca-troca (de mercadorias). Com a expansão do comércio, cria-se o dinheiro. Ao dinheiro acumulado pela compra quase de graça e pela venda pelos olhos da cara, os mercadores dão o nome de capital. Surgem os primeiros capitalistas, e assim começa a história do capitalismo. Em *Capitalismo para principiantes*, que alia humor, informação e reflexão, o leitor verá como o capitalismo transformou o mundo e promoveu o bem-estar geral... dos capitalistas. Para a grande maioria, a vida continua muito difícil, como no tempo da servidão, da escravidão e das cavernas.

435
ilustrações

Carlos
Eduardo Novaes
Vilmar Rodrigues

Capitalismo

PARA PRINCIPIANTES

A HISTÓRIA DOS PRIVILÉGIOS ECONÔMICOS



27ª edição
5ª impressão

ea
editora arca

UNIVERSIDADE



Diretor editorial adjunto
Fernando Paixão

Editora adjunta
Carmen Lucia Campos

Editor assistente
Emílio Satoshi Hamaya

Revisão
Ivany Picasso Batista (coord.)

Editora de arte
Suzana Laub

Editor de arte assistente
Antonio Paulos

Projeto gráfico
Rex Design

Diagramação
Vilmar Rodrigues

Arte-final
René Etienne Ardanuy

Edição eletrônica de imagens
Cesar Wolf

ISBN 978 85 08 08592 7

2008

Todos os direitos reservados pela Editora Ática.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - São Paulo, SP - CEP 02909-900
Tel.: (11) 3990-2100 - Fax: (11) 3990-1784
internet: www.atica.com.br - www.aticaeducacional.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Compost Gráfica e Editora Ltda



Sumário

Prefácio	Capitalismo & Democracia, a convivência impossível	4
Capítulo 1	O princípio	5
Capítulo 2	O mercador	17
Capítulo 3	O novo mundo	29
Capítulo 4	Comércio exterior	30
Capítulo 5	O capitalismo em campo	50
Capítulo 6	A concorrência	63
Capítulo 7	O monopólio	70
Capítulo 8	A colonização	86
Capítulo 9	O imperialismo	103
Capítulo 10	A antítese	109
Capítulo 11	E o patropi?	116
Capítulo 12	E veio a guerra	124
Capítulo 13	O milagre	135
Capítulo 14	As multi	161
Capítulo 15	Nova sociedade	172
Capítulo 16	A ideologia	181
Capítulo 17	A competição	193
Capítulo 18	Tudo errado	202

Capitalismo & Democracia, a convivência impossível

O título original deste livro era *Capitalismo para principiantes – crianças e militares*. Reduzi o título, mas mantenho o livro dedicado às nossas crianças e aos nossos militares.

Sou filho de militar, um velho lobo-do-mar, que chegou a almirante, acreditando que o mundo se dividia em "democracia" e comunismo. Durante todos estes anos em que estivemos juntos, ouvi meu pai falar de pátria, segurança nacional, democracia, psicossocial, mas jamais escutei da sua boca a palavra "capitalismo". Precisei crescer mais um pouquinho para entender seu alheamento. Os militares, afinal, não estão sujeitos às leis do mercado: não têm patrão, não precisam ir à greve, não sofrem o desemprego, não discutem aumento salarial, não trabalham para o enriquecimento de outros homens. As Forças Armadas não são, enfim, um negócio em busca do lucro.

Talvez por isso meu pai nunca enxergou o lobo do capitalismo sob a pele de cordeiro da "democracia". Nunca suspeitou que a "democracia", cantada em prosa e verso, não anda sobre as próprias pernas. Ela, como qualquer regime político, precisa de um sistema econômico que lhe dê um sopro de vida.

No mundo ocidental, o sistema que movimenta as ditas democracias é o capitalismo. Curiosamente o capitalismo é o mais desumano, injusto, perverso e antidemocrático de todos os sistemas econômicos. Os militares que conheço nunca souberam disso; as crianças também não. Daí dedicar-lhes este livro. Às crianças, na esperança de que cresçam interessadas em entender o capitalismo. Aos militares, para que reflitam duas vezes antes do próximo golpe.

Carlos Eduardo Novaes

Cerca de 28,7% das informações históricas desta obra foram recolhidas do livro *La trukulenta historia del capitalismo*, do mexicano Riis, que recolheu 50,6% do seu material do livro *Historie Bogen*, dos suecos Annika Elmqvist, Gittan Jonsson, Ann Mari Langemar e Pal Rydberg, que, por sua vez, recolheram 67,3% do seu texto da própria história do capitalismo.

No princípio era o verbo.



Com a chegada do Capitalismo, mudou o verbo do princípio.



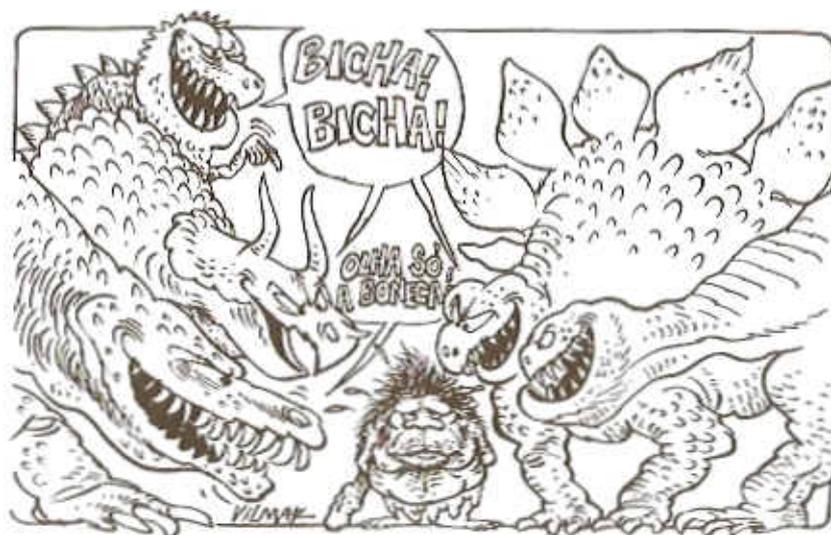
Mas voltemos ao ponto de partida. Depois do sujeito e do verbo, veio o clã, a primeira forma de organização social, onde os homens sobreviviam na base do slogan dos Três Mosqueteiros.



Todos trabalhavam na medida de suas capacidades, voltados para o bem comum (bem comum? o que é isso?). Um trabalho duro, realizado com instrumentos primitivos. A barra era tão pesada que a duração média de vida era de 18 anos.



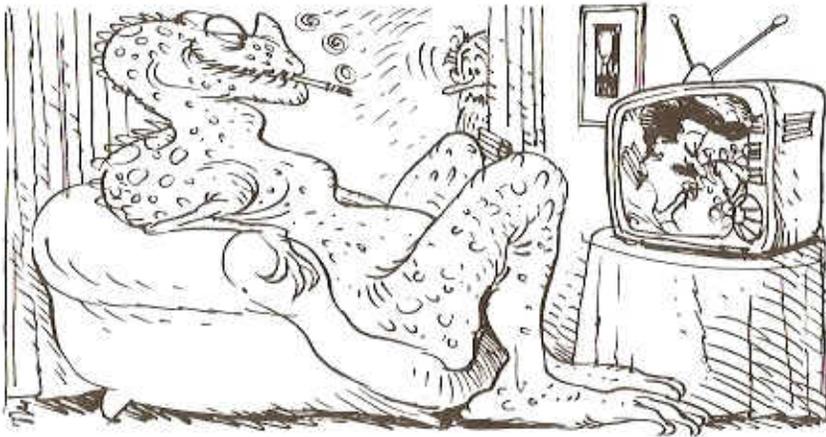
Era uma época em que, na luta contra a Natureza, o Homem andava levando de goleada.



A dificuldade para se conseguir alimento era enorme, maior que um cantossauro. Ainda não havia o programa Alimentos para a Paz. Também não havia excedentes de produção, e o espectro da fome rondava o clã como aos nossos nordestinos. Nessas condições, tudo era rachado entre todos.



Foi mesmo uma sorte os nossos ancestrais não terem morrido de fome. Se assim fosse, a História do Homem teria terminado ali e hoje certamente haveria um dinossauro morando no meu apartamento.



E, afinal, como foi que o homem saiu dessa? Transando com a Natureza. Naquela de horror (ou dá ou desce), o Homem tratou de inventar armas e ferramentas.



Munido de arco e flecha, o Homem já não precisava mais encarar um brontossauro.

Aumentaram os meios de obtenção dos alimentos. O Homem começou a produzir então mais do que era preciso para o consumo imediato. Foi inventada a dispensa.



Com a aparição dos excedentes, desenvolveu-se um intercâmbio entre as tribos. Começou um troca-troca infernal.



Aí a vaca (o mamute, melhor dizendo) começou a ir pro brejo: surgiu, no horizonte da História, a possibilidade da apropriação do resultado do trabalho alheio.



Apareceu, então, a propriedade privada dos meios de produção; num momento, eu creio, em que o Criador estava distraído. Séculos mais tarde, um cidadão com idéias socialistas, chamado Proudhon, afirmou: "a propriedade é um roubo", mas ninguém lhe deu atenção.



Os grupos (clãs, tribos) mais fortes, mais produtivos, mais bem armados começaram a dominar os mais fracos. Instituiu-se a lei da selva, e, como Tarzã ainda não havia nascido, o pau comeu. Como resultado...



A Escravatura foi chegando e fazendo suas reformas: transformou a antiga sociedade sem classe (classe nenhuma, as pessoas comiam com as mãos) numa outra com duas classes.



O escravo era apenas um homem que já não pertencia mais a ele mesmo. Ou melhor, nem era um homem. Tratava-se de um animal que falava pouco mais que um papagaio.



Tudo que o escravo produzia pertencia ao senhor. Algo muito parecido com o que acontece ainda hoje no Nordeste. A produção, contudo, aumentava. A produção do senhor, bem entendido.



Os escravos, porém, não concordavam muito com a tese dos senhores. Um dia...



Só havia uma saída: virar a mesa da História.



Mais uma vez, os alto-falantes da História anunciam: Atenção, sai Escravatura e entra Feudalismo.



Mas que diabo é o Feudalismo?

Um regime que se apoiava na propriedade da terra e marcou a sociedade medieval na Europa. Foi a base da exploração dos camponeses (parece que foi ontem!).



Em comparação com os escravos, os camponeses viviam mais empenhados em aumentar a produtividade do seu trabalho, porque possuíam uma pequena propriedade.



Apesar dessas pequenas conquistas, o camponês continuava segurando a lanterninha do torneio de classes sociais, atrás da nobreza, do clero e dos artesãos.



Até meados do século XV, a vida correu mansa para o Feudalismo na Europa Central. A região estava cheia de pequenos reinos, separados por bosques, riachos e florestas. Quem vivia num reino não sabia o que se passava no outro. Ainda não tinham inventado o telégrafo, nem o telex, nem o jornal, nem o rádio, e o desmatamento ainda não havia virado moda.



Só havia um detalhe nisso tudo: os nobres e o clero eram os únicos que não arregaçavam as mangas para produzir o que todos necessitavam para viver. No entanto — pasmem —, eram também os únicos que tinham casa, comida e roupa lavada.

E ninguém protestava contra isso?



Quer dizer, na realidade os homens se dividiam em duas categorias: os que tinham terra e os que não tinham terra. O mais engraçado de tudo isso é que os que não tinham nada é que pagavam impostos aos que tinham tudo.



As camadas inferiores da população eram muito ignorantes e acreditavam que Deus dividira os homens entre ricos e pobres e que a missão dos pobres na Terra era a de pagar impostos. À ignorância se aliava o medo: ninguém ousava duvidar de Deus para não correr o risco de virar churrasco.



Capítulo 2 O mercador

E corria tudo dentro dos conformes, até que um dia — tam, tam, tam — a sociedade feudal foi surpreendida com a chegada de um novo personagem. Senhores e senhoras, a História tem o prazer e o orgulho de lhes apresentar: o Mercador!



O Mercador vendia de tudo: pimenta, âmbar, peles, peças de vidro, vinhos importados, tecidos, só faltava mesmo uísque e cigarros americanos.



Como ainda não havia o dinheiro, o negócio era fechado na base da troca: ovos, mel, manteiga, peixes e coisas feitas pelos artesãos por tecidos, espadas, armas em geral.



Excelente negócio, na verdade, faziam os nobres, que conseguiam mercadorias preciosas pagas com o trabalho dos outros, dos artesãos, que não tinham terras, nem nada para trocar com o Mercador.

Com o tempo, os artesãos ganharam um espaço para ficar.



As locomotivas feudais promoviam suas festinhas para exibirem as compras, e o Mercador voltava ao seu trabalho. Uma moleza de trabalho: a única coisa a fazer era comprar e vender.



No início, o comércio era pequeno, mas com o tempo foi crescendo de uma forma que afetou toda a vida da Idade Média. No centro dos negócios estava Veneza, com suas gôndolas e suas venezianas.

Agora um parêntese para falar do dinheiro. Nesses reinos da Europa Central todos os senhores feudais podiam cunhar suas próprias moedas. Isto acabou gerando a maior confusão. Os mercadores, que percorriam vários reinos, já estavam à beira da loucura de tanto fazer câmbio. Com o andar da carruagem, é evidente que Veneza foi impondo a sua moeda e botando-a para girar. Por isso ela é redonda.



Aparecem, então, os primeiros capitalistas, ou seja, aqueles mercadores que utilizavam o dinheiro para fazer mais dinheiro. O dinheiro deixava de ser um meio de troca para ser um fim em si mesmo.



Os mercadores venezianos foram ficando cada vez mais ricos. Naturalmente os outros mercadores começaram a ficar de olho grande. O comércio com o Oriente, porém, era monopólio dos venezianos. Os venezianos, andando de barco e gôndola desde criancinha, chegaram primeiro às especiarias orientais.



Os outros mercadores morriam de inveja. Os portugueses, então, estavam com cócegas de ir ao Oriente.



Os navegadores portugueses tanto agitaram, que conseguiram o patrocínio de alguns nobres para financiar suas viagens. Resolveram se jogar ao mar, em todas as direções, à procura de uma nova rota para o Oriente. Quem descobrir primeiro avisa ao outro, tá?

Um dos primeiros a zarpar foi o nosso conhecido Vasco da Gama.



Vasco da Gama passou várias semanas enjoando no convés. Só via mar por todos os lados. Começou a suspeitar que estava perdido: será que os venezianos roubaram até o Oriente? Já estava pensando em voltar quando, um dia, depois de quatro meses de viagem...



Vasco da Gama, depois de cruzar o Cabo da Boa Esperança (sem a menor, já que caía um temporal), deu de cara com os turcos e os árabes. Os árabes tinham mercadorias que interessavam aos portugueses: marfim, ouro, porcelana. Os portugueses, infelizmente, não tinham nada que pudesse interessar aos árabes. Nem sardinha em lata.



Vasco da Gama tinha feito uma viagem miserável daquelas e se esquecera de levar produtos para troca. Foi aí que começaram a criar piadas com os portugueses. Vasco pensou em dar um tiro na cabeça. Mas, por um golpe de sorte, desses que bafejam todo cidadão que entra para a História, Vasco encontrou um guia de turismo que lhe ensinou o caminho das Índias.



A 20 de maio de 1498, Vasco chega à Índia. Saltou e, lembrando-se dos turistas brasileiros em Buenos Aires, saiu comprando tudo. Segundo Leo Huberman, autor da *História da riqueza do Homem*, os lucros atingiram a 6 000%.



Quando Vasco retornou a Portugal, o rei só faltou arriar as calças pra ele. Vasco foi escolhido o Homem de Visão do Ano, e, a partir daí, o comércio foi se intensificando aos saltos. Os lucros, porém, já não eram tão grandes.



Os barcos seguintes que desatracam de Lisboa partem armados até os dentes.



Enquanto isso, os espanhóis, que também se fizeram ao mar atrás das Índias, perderam a bússola e vieram esbarrar na América Latina, onde iam chegando e tomando conta das terras.



A essa fase da História, alguns desavisados costumam chamar de "Período dos Grandes Descobrimentos". A verdade, porém, era outra: ninguém estava a fim de descobrir nada além de novos caminhos para grandes lucros.



Você duvida? Pois saiba que um pequeno banqueiro alemão, Jacob Fugger, em seu balancete de 1546, mostra débitos do Imperador alemão, dos reis da Inglaterra, de Portugal, da rainha da Holanda e — pasmem — até do Papa.



Sim, sim, mas e os portugueses, que saíram com navios armados até os dentes? Estariam pensando em pescar sardinha com canhão?



Os portugueses desembarcaram nos centros comerciais da Costa africana e foram se apoderando das cidades, na base da porrada: matando, dominando, saqueando. Invadiam as casas dos mercadores árabes e roubavam tudo ante a estupefação geral.

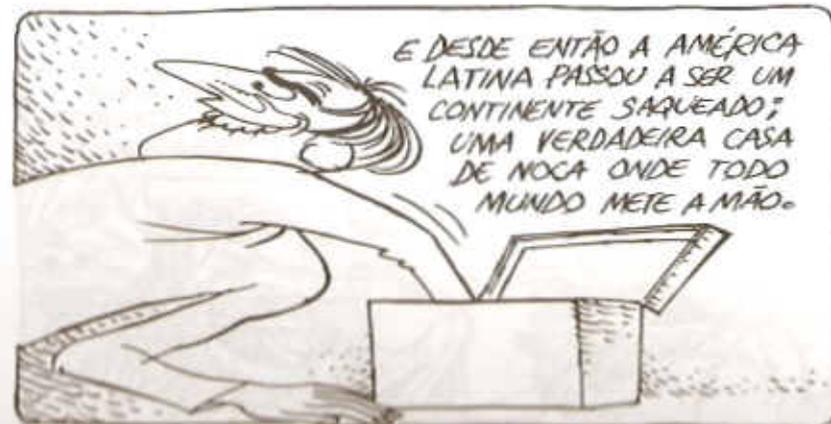


Na América, não foi muito diferente. Os espanhóis, chegando com soldados, canhões, armas de fogo, mas sempre com a cruz na frente, que ninguém é besta. Invadiram os impérios inca, maia, asteca, as ilhas do Caribe e deixaram as regiões habitadas por índios menos dotados, como por exemplo o Brasil, para Portugal.

Os "conquistadores" tiraram os índios de suas terras, mataram seus chefes, violaram suas mulheres, destruíram sua cultura e fizeram a todos escravos. Mas em compensação...



Graças ao ouro roubado no México, no Peru e em outras regiões dominadas, os conquistadores espanhóis e portugueses ergueram suntuosos palácios e igrejas em seus reinos.



Não. Ainda hoje a gente sabe que os salários nunca aumentam na mesma proporção dos preços. Naquela época, como hoje, os salários são conquistados com sangue, suor e lágrimas. Acontece que ainda não tinham inventado o sindicato, nem as greves, nem os piquetes.

Sim, e há um outro dado: os senhores feudais, donos das terras, também estavam numa merda de dar gosto: continuavam a receber os antigos arrendamentos, baixos, e tinham que pagar novos preços, altos.

E tem mais: o Estado, que despontava, também suava para equilibrar o seu orçamento.



Foi uma época em que embolou todo o meio do campo. Só se beneficiaram mesmo os mercadores, os negociantes, a burguesia, enfim, que começava a botar suas manguinhas de fora. Os senhores feudais, já não tão ricos como no passado, se apavoravam com a possibilidade de perderem seu status.



Os camponeses, que permaneciam num estado pouquinho coisa melhor que os nossos camponeses nordestinos, não podiam pagar. Os senhores feudais então...



Aldeias inteiras foram postas na rua. Muita gente morreu de fome. Os camponeses não tinham muita escolha: ou viravam mendigos ou assaltantes de estrada.



Como acontece até hoje, as leis eram feitas pelos poderosos: os senhores feudais eram os próprios juizes. Assim até eu!



O despovoamento das aldeias, porém, deixou os reis embanados. Os camponeses, ficando sem terras, já não lhes pagavam mais impostos.



Os donos da terra — senhores feudais —, contudo, sobreviviam porque nesse período ocorreu uma importante modificação: desapareceu a velha idéia de que a terra era importante em relação ao total do trabalho sobre ela executado. O desenvolvimento do comércio, da indústria e a Revolução dos Preços tornaram o dinheiro mais importante do que os homens. A terra virou fonte de renda.



Antes que fosse tarde, os nobres, que já estavam empenhando seus brasões e suas coroas, trataram de investir contra os donos da terra, para tentar restabelecer os impostos.



A sucessão de crises de poder e de riqueza tinha que acabar desembocando numa guerra.



Os nobres estavam com problemas: precisavam de dinheiro para formar e equipar seus exércitos. Onde conseguir? Ponto para quem disse com os comerciantes e negociantes.



E os comerciantes patrocinavam os exércitos dos reis.



Os comerciantes, como devem ser os bons comerciantes, ganhavam pelos dois lados com a guerra. Emprstavam dinheiro aos nobres — criando uma dependência —, que por sua vez compravam as armas nas suas mãos.



Os comerciantes é que não eram. Os nobres também não, que os nobres nunca apreciaram fazer força. Só podiam ser os artesãos.



Os artesãos demoravam muito fazendo um canhão. Às vezes, a guerra acabava e eles ainda estavam no meio do canhão. Os comerciantes resolveram, então, modificar as formas de produção.



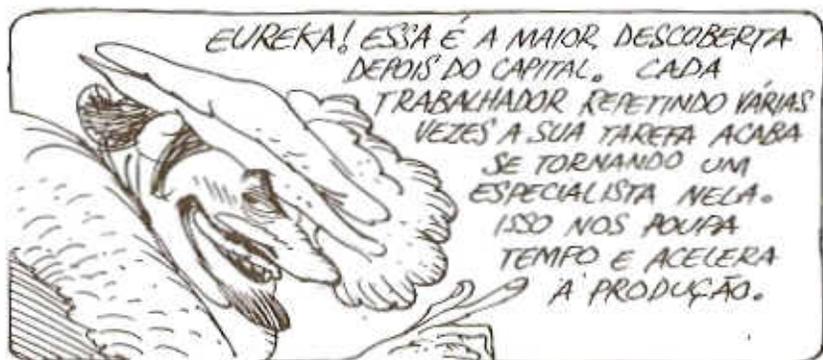
Os comerciantes aboliram o sistema de produção familiar, aboliram o sistema de corporações e implantaram um sistema chamado doméstico. Os artesãos passaram a trabalhar em casas e galpões dos comerciantes. Com isso, a independência dos artesãos foi pro brejo.



Mas os artesãos agora dependiam da matéria-prima. Além disso, a nova organização do trabalho colocou auxiliares e ajudantes ao lado dos artesãos (o que, aliás, quebrou o maior galho de muitos camponeses, que, com o fechamento das terras, puderam ganhar uns trocados vendendo sua força de trabalho).



Os artesãos se transformaram em empregados dos comerciantes. Uma relação inteiramente nova. Os comerciantes descobriram, então, que quando se emprega um bom número de pessoas para fazer um certo produto — canhões, por exemplo — é possível dividir melhor o trabalho.



A indústria dava, então, os seus primeiros passos. Surgiram, no palco da História, os primeiros operários assalariados. Daí para a frente, o caldo vai engrossar... pro lado dos operários, naturalmente.



Capítulo 4 Comércio exterior

No início do século XVII, na Europa, os pequenos reinos inchavam e transformavam-se em novos Estados. A pergunta que corria de boca em boca era a seguinte: como transferir para o Estado os mesmos princípios que tornaram várias cidades-reinos ricas e importantes?



Quanto mais ouro e prata o país acumulasse, mais rico seria. Imediatamente, vários países baixaram leis proibindo a saída desses metais.



Países como a Espanha — o mais rico do mundo no século XVI, graças às colônias nas Américas —, que não tinham mais onde botar ouro e prata, podiam aumentar suas reservas. Mas e os que não dispunham nem de bronze? Como fazer? Vamos ver o que dizem os mercantilistas.



Sim, sim, até aí tudo bem, mas como mantê-la favorável? Aumentem a produção dos seus artigos e vendam além-mar. Mas se cuidem para que as exportações sejam sempre maiores que as importações. A diferença recebam em moeda de ouro. Dou minha cara a tapa se não der certo. Para aumentar a produção e o lucro, nada melhor do que conseguir matéria-prima barata no além-mar. Matéria-prima e — não esqueçam — mão-de-obra.



E foi dada a partida para uma nova corrida à África. Vários negociantes ficaram milionários apanhando negros africanos e vendendo-os na Europa, América do Norte, América do



Sul... Nasceu aí a expressão "mercado negro". O maior negociante nesse mercado foi um cidadão inglês de nome John Hawkins, que, vendendo seres humanos, chegou a ser nomeado pela rainha "Cavalheiro do Reino".



A rainha ficou tão impressionada com os lucros de Hawkins que rapidinho perguntou se ele não precisava de uma sócia nesse nobre empreendimento. Na segunda expedição de Hawkins, a rainha emprestou-lhe um navio. O detalhe mais curioso era o nome do navio.



DETALHE DO NOME

Onde estes caçadores de escravos punham os pés, creiam, não crescia mais grama. Os portugueses no início, depois os ingleses e holandeses, só causavam devastação e despovoamento. Uma idéia dos métodos holandeses para acumular capital: em 1750, Bawjuwangi, província de Java, tinha 80 mil habitantes; em 1811, sua população era de apenas 18 mil.



Mas o filé *mignon* era mesmo a África. No Congo, como a população também diminuía, o rei (Afonso) resolveu tomar uma providência. Chamou os mercadores negros que negociavam escravos com brancos europeus.



O comércio de escravos tinha suas regras fixas: os africanos só recebiam coisas em troca dos escravos. Já os negociantes europeus vendiam-nos a dinheiro, obtendo lucro e acumulando capital. Foi assim que a Holanda se tornou a principal nação capitalista do século XVII (o primeiro escravo negro levado para os Estados Unidos, em 1619, desembarcou de um navio holandês).



Os livros oficiais de História fingem que não sabem, mas foram mais de 100 milhões de pessoas convertidas em escravos. Cem milhões de pessoas vendidas como animais. E ainda hoje as grandes potências ocidentais reclamam por que a África não segue a via capitalista (???)



O comércio escravo trouxe riquezas para as grandes metrópoles. No Brasil, Estados Unidos, Jamaica, os negros trabalhavam nas plantações das cinco da manhã às sete da noite, sem direito a férias, feriados, fins de semana, décimo-terceiro, inps, aviso prévio. Viviam sob a lei do chicote.



A Igreja, que durante séculos bajulou o Poder, acobertava as práticas dos senhores. Ao invés de ajudar os negros, ameaçavam-nos ainda mais.



E assim os capitalistas fechavam o círculo: vendiam escravos na América para trabalharem de graça, produzindo bens nas plantações. Esses bens eram industrializados na Europa e levados para a África, onde eram trocados por escravos, que eram vendidos na América, para trabalharem de graça, produzindo bens nas plantações. Esses bens eram industrializados na Europa e levados para a África, onde eram trocados etc. etc. ...



Em meados do século XVII, porém, o Feudalismo já estava com seus dias contados.



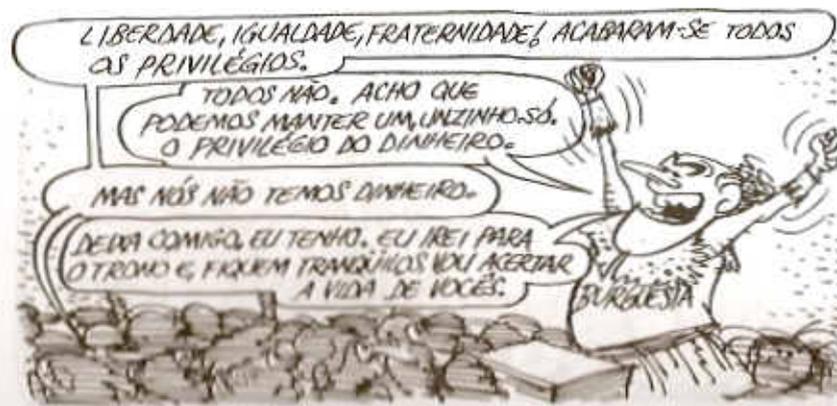
O Feudalismo dava sinais de cansaço. Na Inglaterra, que controlava todo o comércio entre a Europa e os outros continentes, o Feudalismo fazia sinal para o banco, pedindo para sair de campo. A sua substituição, porém, só veio com a Revolução Francesa.



A burguesia francesa, que já dispunha do poder econômico mas não do poder político, que já era dona do capital mas não das terras, tratou de promover uma revolução. Não sem antes, é claro, formar a indefectível frente ampla com artesãos, camponeses, plebeus e pequenos comerciantes.



O grito de Liberdade, Igualdade, Fraternidade ecoava democraticamente por toda a França.



Estava lá o Código Napoleônico, que não me deixa mentir. Feito sob medida, para proteger a propriedade: não a feudal, mas a burguesa. O Código tinha dois mil artigos. Quantos tratavam do trabalho?



A burguesia nem disfarçou. Entrou de sola. Por exemplo, numa disputa judicial sobre salários, o Código determinava que só valia o depoimento do patrão. O Código permitia associações de empregadores, mas os empregados não podiam formar nem um clube de bocha.

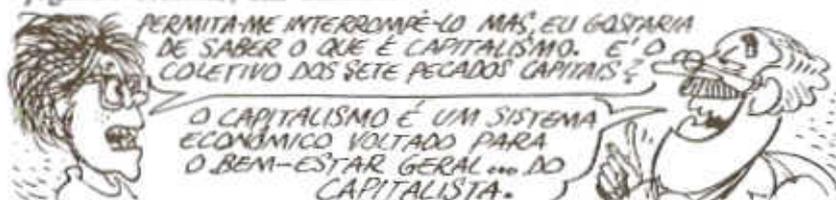


O Código de Napoleão deveria levar a filosofia do mercado livre, do *laissez-faire*, da revolução, enfim, a outros países. Como, porém, o correio não funcionava muito bem, a França resolveu mandar o próprio Napoleão, com seus exércitos, entregar o Código em mãos aos outros países. E Napoleão saiu atirando pela Europa, sendo sempre — passem — muito bem recebido pela burguesia dos países conquistados.

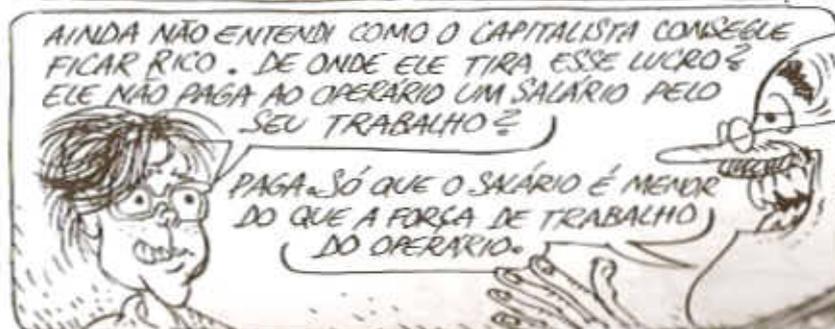
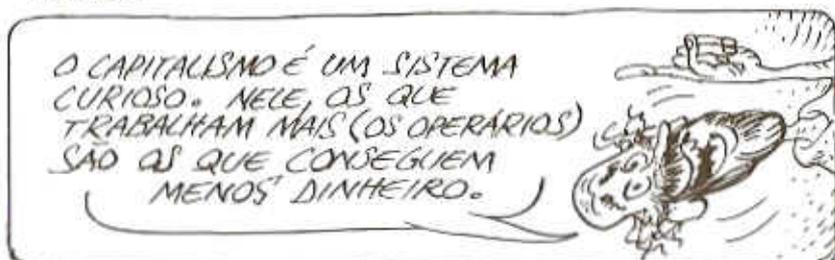


Capítulo 5 O capitalismo em campo

As grandes potências mundiais da época, então, vestem a camisa do Capitalismo. O Capitalismo entra em campo e, jogando sozinho, faz misérias.



As fábricas, as terras, matérias-primas, comércio, bancos, máquinas, ferramentas, tudo pertence aos capitalistas, que manipulam tudo isso com um único objetivo: ter lucros, ganhar dinheiro.



Em outras palavras: todo assalariado ganha menos do que merece, menos do que vale seu trabalho. É nessa diferença que está o lucro. Se o capitalista pagasse honestamente ao operário o valor da coisa produzida, a relação terminaria empatada. Não haveria lucro e não haveria Capitalismo.



À diferença entre o preço de custo da força de trabalho (salário) e o valor da mercadoria produzida, dá-se o nome de *mais-valia*. Quanto mais baixo o salário e mais alto o valor da mercadoria, maior a mais-valia, maior o lucro. Vide nossos paraibás de obra, de um lado, e os nossos sérgios dourados, de outro.



Continuando: Como já ocorrera no século XVI, houve novo fechamento das terras na Europa do século XVIII. Surgiu novamente um exército de homens sem emprego, que, para sobreviver, tinha que procurar um outro tipo de trabalho. Para onde foram, então, esses trabalhadores desempregados?

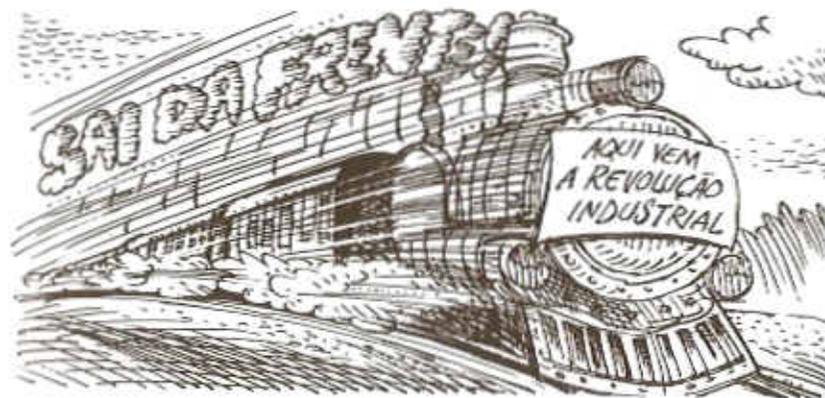


Sem terras, sem empregos, sem ferramentas, só restava a esses homens uma coisa: vender sua força de trabalho.



Tudo indicava que dessa vez o buraco seria mais embaixo ainda, para os operários. Acontece que a máquina, se por um lado permitia a dispensa de um grande número de operários, por outro tornava os operários imprescindíveis para que pudesse funcionar (até porque o capitalista não ia meter a mão na máquina).

E — vejam os senhores — foi exatamente a máquina, criação exclusiva dos capitalistas, que deu origem à classe operária.



A sirene do vapor deu o sinal dos novos tempos: chegam as máquinas a vapor, os barcos a vapor, os trens a vapor, os ferros a vapor, os banhos a vapor...



A revolução nos modos de produção provocou uma cirurgia plástica na cara do mundo. Modificou tudo à sua volta. No passado, quando o objetivo da sociedade era trabalhar para sustento próprio, a Igreja podia denunciar os aproveitadores. Mas, e numa sociedade que passou a ser dos aproveitadores?



A Igreja Católica realmente não se preparou convenientemente para os novos tempos. Mas a Igreja Protestante estava preparada. E como! Enquanto os católicos advertiam que a riqueza poderia conduzir ao inferno, o puritano Baxter dizia, na maior cara de pau: "Aqueles que não aproveitarem a oportunidade de fazer fortuna não estarão servindo a Deus".



O desejo de lucro tornou-se um ideal da conduta cristã. O calvinismo, por exemplo, afirmava que tal desejo era inerente à natureza humana. Na verdade, todos nós sabemos que, com o Capitalismo, o *desejo* foi transformado em *natureza humana*. A poupança e o investimento, desconhecidos na sociedade feudal, se tornaram um dever na sociedade capitalista... para a glória de Deus!



Se a própria Igreja apóia o desejo de lucro, os capitalistas não têm nada a temer. E vamos nós!

Receosos devem ficar os pobres, que vão para o inferno porque não sabem fazer nem um investimento...

As pequenas oficinas se convertem em grandes fábricas, aparecem as chaminés, constroem-se pontes, túneis, minas... O Capitalismo entra de sola na Natureza, transformando-a e colocando-a a seu serviço a qualquer preço.

SURTEM AS GRANDES INVENÇÕES:



Não diria nem que o Capitalismo ia de vento em popa porque já se acabara o tempo das embarcações a vela. O mundo definitivamente mudava de cara. E quem foi o Ivo Pitanguí da época, que mudou a cara do mundo?



Na realidade, quem mudou as feições do mundo foram os operários. Todo o progresso alcançado saía de suas mãos (produção de algodão, ferro, minas de carvão, etc...). Os capitalistas, sempre mais ricos, jamais encostaram o dedo mindinho no trabalho. Os operários, no entanto, se tornavam cada vez mais pobres.



Para o leitor não pensar que é um exagero, segue aqui uma cena extraída do Reports Assistant Hand-Loom Weaver's Commissioners. Alguém pergunta a Thomas Heath, tecelão manual, se ele tem filhos.



Se os filhos de Heath sobrevivessem, na Inglaterra da Revolução Industrial, provavelmente estariam trabalhando nas fábricas desde os cinco anos de idade (das cinco da manhã às oito da noite).



Quando alguém levantava a voz para dizer que as crianças deveriam ir para a escola, saltava sempre de lá um capitalista, como o sr. G. A. Lee (apud *História da Riqueza do Homem*, de Leo Huberman), para demonstrar sua preocupação com a infância.



Todo mundo (até a Igreja) procurava convencer o operário de que ele deveria erguer os braços aos céus e agradecer de todo o coração a sua sorte na vida.



Os capitalistas achavam que podiam fazer e desfazer com as coisas que lhes pertenciam: as máquinas, por exemplo. Como as máquinas representavam um investimento — os operários não —, os capitalistas viviam muito mais preocupados com o bem estar delas.



Tem um dado aí nessa história que deve estar aguçando a reflexão dos leitores: se os operários eram milhares, milhões e os capitalistas uma dúzia, por que os capitalistas continuavam com o poder de decisão?



O Estado era capitalista. Os políticos representavam o Capitalismo; os juizes faziam leis para proteger o capital; a policia fazia com que se cumprissem essas leis. Tudo exatamente como hoje.



No início, os trabalhadores não sabiam como reagir. Na sua revolta inconsciente, amedrontados, elegeram a máquina como inimigo público n.º 1 dos trabalhadores. E trataram de destruí-la.



Rapidamente, os detentores do poder trataram de criar um respaldo legal para proteger seu patrimônio. Em 1812, o Parlamento inglês aprovou uma lei tornando passível de morte quem destruísse uma máquina (nunca se soube, porém, de nenhuma lei tornando passível de morte quem destruísse um operário).



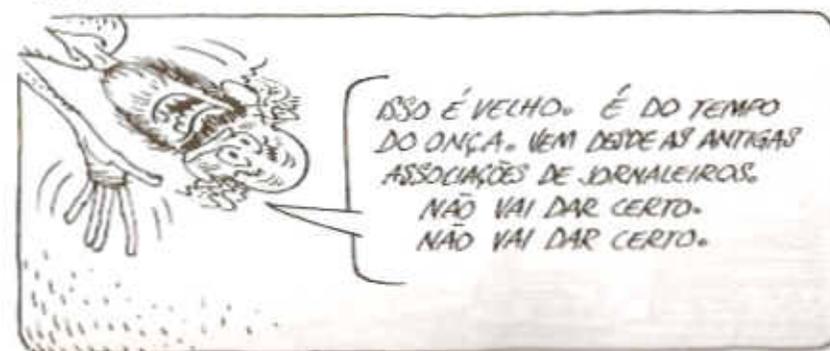
Os trabalhadores cedo perceberam que investiam contra o alvo errado. Passaram a enviar petições com reclamações ao Parlamento, que as enviava aos tribunais para que as julgassem.



Os trabalhadores continuaram tentando. À medida que o Capitalismo se desenvolvia, a classe operária — apesar da resistência dos patrões — se desenvolvia com ele. Eis um claro exemplo da lógica da contradição (dialética).



A grande vitória dos operários, porém, só veio quando, já agrupados às centenas dentro das fábricas, começaram a cogitar uma organização própria para lutar pelos seus interesses. Senhoras e senhores, muita atenção, porque vem aí... o Sindicato!



Capítulo 6 A concorrência

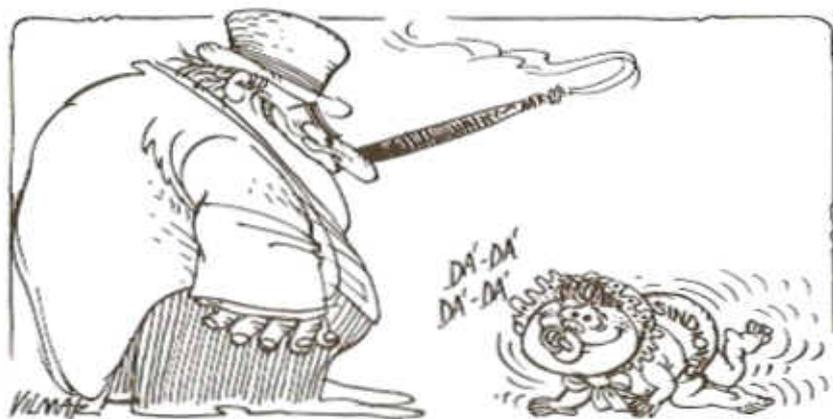
A grande concentração operária nas cidades desenvolveu a consciência de classe do trabalhador (vide ABC). Eles começaram a perceber que, embora fracos como indivíduos, adquiriam força quando unidos. Adquiriam tanta força que os capitalistas da época (imitando os de hoje) já gritavam...



E durante muito tempo os membros dos sindicatos foram presos; as greves e os piquetes, proibidos; os bens dos sindicatos, confiscados; e os sindicatos transformavam-se em associações e grêmios recreativos.



Apesar de toda a pressão que desabava do poder da burguesia, os sindicatos sobreviveram. Evidente que em alguns países, onde o processo de industrialização foi mais lento, sua marcha foi retardada. No Brasil, por exemplo, um século depois os sindicatos ainda estão de fraldas.



Durante a Revolução Industrial, os capitalistas mantinham um olho nos trabalhadores e outro nos negócios. Enquanto fiscalizavam os operários brincando de sindicato, continuavam à procura de bons negócios.



Os capitalistas, porém, sempre mais ambiciosos, sentiram a necessidade de algumas teorias que justificassem seus lucros desmedidos. Não foi difícil encontrá-las.



TODOS AO LUCRO AVANÇAR!



Foi, então, formulada uma série de doutrinas chamadas de "leis naturais" da Economia. Assim, quando alguém perguntava se o Governo deveria regulamentar os horários e os salários dos trabalhadores, um economista clássico logo rebarbava.



Os economistas de então (quem sabe se o mundo não está nessa merda por causa daqueles economistas?) diziam que as funções do Governo deveriam ser apenas três: proteger a propriedade, não interferir no lucro e preservar a paz.

Tem gente que ainda acredita nisso aqui no Brasil!

Os economistas afirmavam com a maior convicção que o bem-estar da sociedade estava ligado ao indivíduo.

ADAM SMITH - "PROCURE SEU LUCRO E VOCÊ ESTARÁ AJUDANDO O ESTADO."

MALTHUS - "OS TRABALHADORES NÃO SÃO POBRES POR CAUSA DO LUXO EXCESSIVO, MAS PORQUE A POPULAÇÃO AUMENTA MAIS DEPRESSA DO QUE A SUBSISTÊNCIA. OS OPERÁRIOS SÃO OS ÚNICOS RESPONSÁVEIS PELA SUA PRÓPRIA MISÉRIA: SE REPRODUZEM MUITO RAPIDAMENTE."

RICARDO - "QUANDO OS TRABALHADORES RECEBEM MAIS DO QUE O NECESSÁRIO PARA A MANUTENÇÃO DE SUAS FAMÍLIAS, TÊM DE AUMENTAR O TAMANHO DESSAS FAMÍLIAS. PORTANTO, NADA DE ELEVAR O SALÁRIO DO TRABALHADOR."

MASSEU SENIOR - "AS HORAS DE TRABALHO DO OPERÁRIO NÃO PODEM SER REDUZIDAS PORQUE O LUCRO DO EMPREGADOR VEM EXATAMENTE DA ÚLTIMA HORA DE TRABALHO. TIRANDO ESTA, ACABARIA O LUCRO E A INDÚSTRIA IRIA À FALÊNCIA."

PRESIDENTE GEISEL - "O SALÁRIO DO TRABALHADOR QUANDO ELEVADO AUMENTA A INFLAÇÃO. VAMOS ENTÃO TRATAR DE MANTÊ-LO BAIXO PARA A INFLAÇÃO NÃO SUBIR."

PERMITA-ME A INTROMISSÃO NA HISTÓRIA, MAS COMO SEM DÍSE O NOSSO EX-PRESIDENTE SÓ RESOLVEREMOS O PROBLEMA DA INFLAÇÃO NO DIA EM QUE O NOSSO OPERÁRIO TRABALHAR COMO UM RELÓGIO, OU SEJA: DE GRÁTIA.



Em meados do século XIX, as indústrias prosperavam. Não apenas na Inglaterra, mãe da Revolução Industrial, mas na França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Estados Unidos, etc., etc. (o Brasil não está nesse etc.). Como a industrialização ainda era uma criança, todos os países produziam quase que as mesmas coisas.

Foi aí que entrou em campo a concorrência.



Foi inventada a liquidação, a superliquidação, a arrasadora liquidação, a queima de inverno e a desculpa de mudança de ramo. Todos começaram a diminuir os preços.



A concorrência virou uma prova de resistência entre os empresários.



Para baixar os preços, era preciso aumentar a produção e — mais importante — colocá-la no mercado. Como a concorrência comia solta, o aumento da produção foi tornando menor o mercado. Para não falir, os pequenos empresários precisavam continuar produzindo como os grandes. Para produzir mais necessitavam de...? Ponto para quem disse *dinheiro*.



Tudo embromação. O banco, como disse Leon Daudet, "é a exploração legal do próximo".



Na lei da selva capitalista sobrevivem apenas os mais fortes. As grandes companhias de ferro, carvão, petróleo, ligadas aos bancos (que por essa época vão atingindo seu nível mais elevado de concentração), estabelecem o...



Capítulo 7 O monopólio

O Capitalismo deu um passo à frente. Abandonou a roupa apertada da concorrência e vestiu o fraque do monopólio. O monopólio não foi um corpo estranho à concorrência, como pensam alguns desavisados. Pelo contrário: nasceu da própria concorrência.



Mas, afinal, que diabo é o monopólio?

Um grupo de empresas que domina o mercado. Controla a quantidade de bens à disposição dos consumidores e, sem concorrência, dita os preços.



Atualmente, as Multinacionais aparecem como a mais nova edição, revista e melhorada, do capital monopolista.

Na época, contudo, o Capitalismo calçou uma bota de sete léguas e se desenvolveu a passos gigantesco. Tão gigantesco que em pouco tempo a indústria monopolista, que ainda não fazia pesquisas de mercado, criou uma capacidade de produzir mercadorias muito maior que a capacidade de consumo.



A situação tornou-se dramática para o capitalista, com o mercado inundado de mercadorias.



Se o capitalista não ia bem, que dizer então dos trabalhadores?



O Capitalismo encontrava-se num impasse. Era necessário agir rápido. Os capitalistas então manobram e, como tem acontecido ao curso de toda a História, a corda arrebentou nas mãos dos operários.



Estourou a crise mundial de 1873. Milhões de trabalhadores foram despedidos em todos os países industrializados. A exploração do Capitalismo chegava ao auge. Alguma coisa tinha que acontecer.

E aconteceu.

Por essa época já estava de braços dados com o movimento operário um cidadão que, mesmo depois de morto, iria tirar o sono de muito capitalista.



Marx já procurava bagunçar o coreto do Capitalismo (segundo um colunista social da época, Marx falava mal do capital porque não tinha nenhum).



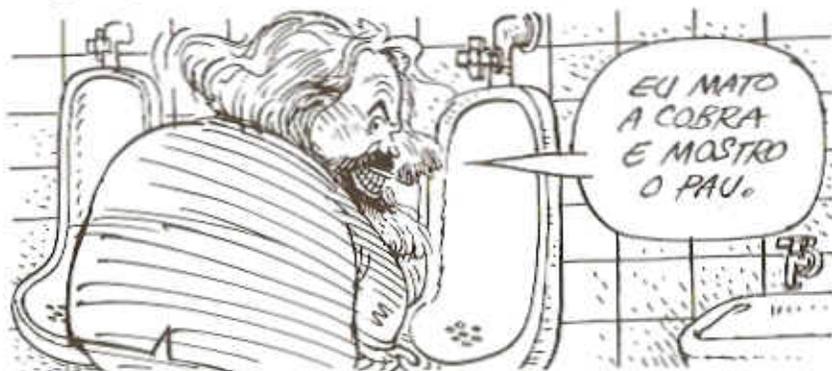
Marx mudou o rumo da História.



Marx sabia que, para tentar transformar a sociedade capitalista em que vivia, antes era preciso entendê-la. Marx estudou, pesquisou, analisou, interpretou, escreveu, agitou nas ruas e, como não podia deixar de ser, foi acusado de subversivo.



Marx queimou as pestanas (e as sobrancelhas) para entender a realidade à sua volta. Era um socialista com os pés plantados na terra. Não queria ser confundido com aqueles outros socialistas porra-loucas-utópicos que viviam pelos bares e botequins do Baixo Leblon da época dizendo que iam fazer e acontecer depois que acabassem de tomar seus chopos.



E Marx foi desmontando cientificamente todos os carros alegóricos do carnaval capitalista.

Um exemplo: a gente sabe que numa sociedade a economia, a política, a religião, a moral, a justiça, o futebol, a televisão estão ligados entre si. Alguns desavisados contudo pensam que é o regime político (a política) que determina toda a estrutura de um país.



Errado! De todas essas forças, a mais importante é a economia (que não aparece pro grande público, a não ser na hora de reclamar dos preços e da inflação). É o sistema econômico que determina como as pessoas vivem (as pessoas e os regimes políticos). A base de uma sociedade é a sua estrutura econômica. Sobre ela é que se assentam as forças políticas, jurídicas, morais, etc. . . gerando o que se costuma chamar de consciência social.

Marx descobriu isso e desfez o equívoco que estava na cabeça de muita gente (ainda hoje): "Não é a consciência dos homens que determina seu comportamento numa sociedade, mas sim o contrário — é a sua existência social que determina sua consciência". Deu pra sacar?



Essa conclusão de Marx é uma chave, que permite um outro tipo de análise e interpretação da História. Permite, inclusive, que se possa entender melhor o que o barbudo quis dizer com "ditadura do proletariado", expressão que assusta tanta gente no mundo ocidental, cristão, capitalista.

A DITADURA DO PROLETARIADO DEVE SUBSTITUIR A DITADURA DA BURGUESIA, QUE É O QUE EXISTE (AINDA HOJE) NOS PAÍSES CAPITALISTAS... OU NÃO? É?



Claro que sim. Só que a ditadura da burguesia não aparece na forma tradicional das ditaduras que pululam por esta América Latina. Ela está mascarada por trás das chamadas "instituições livres". Mas se você tirar a máscara dessas instituições, vai ver que, a partir do sistema econômico, tudo beneficia a burguesia: a política, a justiça, o direito, a saúde, a habitação e até a praia, que fica na porta da burguesia.

DITADURA POR DITADURA,
A DO PROLETARIADO BENEFICIA
MUITO MAIS GENTE.



Um dos pontos centrais do programa de Marx e Engels gira em torno da propriedade privada dos meios de produção. No Capitalismo, os empresários vivem com luxo e conforto porque possuem a propriedade dos meios de produção. Marx e Engels apontaram seus canhões para a abolição dessa propriedade. É muito mais justo que os meios de produção passem para a propriedade de todo o povo (ou do Estado que represente realmente o povo).

O QUÊ?
ACABAR COM A PROPRIEDADE PRIVADA?
VOCÊS QUEREM ME TRANSFORMAR
NUM PROLETÁRIOO? NUNCA.
PREFIRO A MORTE!



O fim da propriedade privada é um dos maiores temores da burguesia. Acontece que a propriedade privada dos meios de produção, numa sociedade burguesa como a brasileira, só existe para uma parcela ínfima e privilegiada da população. Isso é democrático?

Tanto não é, que essa propriedade privada dos meios de produção vem provocando, desde os tempos de Marx, anem aí: a) a crescente miséria das massas; b) o esmagamento de muitos pequenos empresários por grandes empresários; c) a concentração da riqueza nas mãos de uns poucos; d) o desemprego e a conseqüente criação de um exército industrial de reserva; e) a ocorrência de crises periódicas no sistema capitalista.



Marx mudou realmente o curso da História.



Os *mocinhos* (os capitalistas) já não estão mais sozinhos em cena. Os *bandidos* (movimento operário organizado), apesar de recém-chegados, também querem o seu lugar no palco da História.



Em 1871, os operários aproveitaram que os donos do mundo estavam distraídos e tomaram o poder em Paris. Surgia a primeira experiência de uma administração socialista, conhecida como a Comuna de Paris.



E a experiência da Comuna durou exatamente três meses. O Poder Económico deflagrou o esquema que prevalece até hoje. Botou o Exército na frente e, debaixo de muito sangue, fogo e violência, reconquistou a cidade.



Para quem gosta de números, a burguesia ou o Capitalismo ou o Poder Económico, ou seja lá como quiserem chamar, matou 30 mil operários.



O casamento dos bancos com as grandes indústrias estava ameaçado pelo desemprego em massa, pela organização da classe operária e, principalmente, pela superprodução. Que fazer?

Preocupados, os representantes do capital se reuniram numa assembléia, em Paris.



Um parêntese: o principal problema da grande indústria era encontrar um lugar onde pudesse colocar, reinvestir, seu capital. Você, então, fará a pergunta que qualquer um faria: por que não colocar no próprio país?
Por uma razão muito simples: não havia mercado para novos produtos.



Os grandes países capitalistas sempre viveram em regime de superprodução.



A reunião de Paris foi tensa. Ninguém sabia exatamente o que fazer. Alguns capitalistas chegaram ao desespero.



Capítulo 8 A colonização

E não é que se deu o milagre?
Às vezes desconfio que Deus, mais do que brasileiro, é capitalista.



Morton era um jornalista americano que tinha ido à África procurar o explorador David Livingstone. Voltou com Livingstone e com a fórmula de sucesso do Capitalismo. A África, dizia ele, é o local ideal para o capital: muito verde, muito mato, passarinhos cantando, rios e riachos, muita matéria-prima e grandes clientes em potencial.



No início foram apenas as empresas.



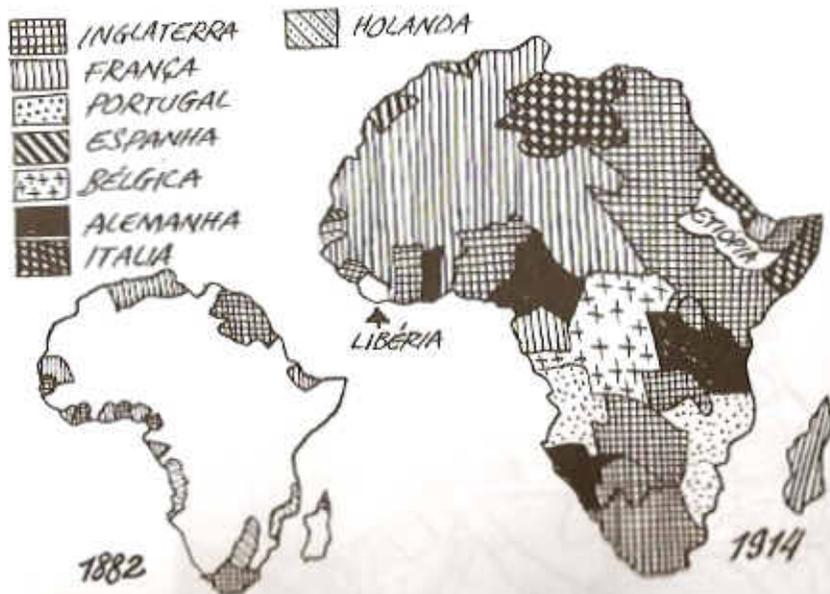
Mais uma vez, os africanos tentaram resistir com pedras e atiradeiras. As grandes empresas deram um assobio (desses de chamar cachorro), seus exércitos se apresentaram e fincaram as bandeiras nas costas — e no peito da África.



Assim nasceram as colônias.



As potências européias dividiram a África sem a menor cerimônia. E o que é mais grave: sem perguntar aos africanos o que eles pensavam disso.



Mas o processo de colonização e de divisão do chamado mundo livre não se limitou à África. Estendeu-se por todo o planeta. E QUEM FICOU COM A CHINA?



As grandes potências consideravam os nossos irmãozinhos do Norte muito crianças ainda para fazer parte daquela partilha capitalista, coisa de gente grande. Para Tio Sam parar de chorar deram-lhe algumas migalhas...



Ninguém acreditou. As grandes potências não deram muita bola para os Estados Unidos. Tinham mais o que fazer. O Capitalismo acabava de dar mais um passo à frente. Tinha que se estabelecer nas colônias.



O Brasil, como toda a América Latina, neste final do século XIX, estava nas mãos da Inglaterra. O Brasil, na verdade, como disse o padre Vito, jamais foi independente. Querem saber por quê? Porque toda a estrutura econômica do nosso país estava voltada para a exportação.



Pedro I deu o grito errado, às margens do Ipiranga.



No início do século XIX, apesar de continuarmos oficialmente como colônia portuguesa, já estávamos, digamos, "economicamente disponíveis". A invasão de Portugal, em 1808, por Napoleão foi o golpe final no poderio dos nossos colonizadores.



E o Brasil ficou para a Inglaterra, é claro, que na época era uma espécie de Rainha do Mundo. D. João VI e sua corte já haviam fugido para o Brasil, em navios ingleses. Quando nos deixou, em 1820, Portugal já não era mais aquele.



Quando em 1822 a aristocracia portuguesa deseja retomar o seu domínio, os portugueses que haviam permanecido no Brasil, apoiados pelos grandes plantadores brasileiros, fazem o quê? Proclamam a Independência do Brasil!



Não podia ser de outra forma: não houve nenhuma transformação importante nas estruturas econômicas internas.



Ao estabelecer sua dominação aqui, a Inglaterra não precisou fazer como na África, ou seja: impor-se economicamente pela via política. Isso só é necessário para implantar estruturas financeiras e mecanismos econômicos de exploração. No Brasil, já estava tudo pronto; a economia já fora constituída em função das necessidades externas. A classe dominante dependia das exportações para prosperar.



A História não se repete. Ou quando se repete, é num estágio mais avançado. Foi assim que novamente o Capitalismo e a Igreja deram-se os braços para colonizar a China, a Oceania, a Ásia e a África.



Cristo se transformou no *super-star* dos interesses capitalistas.



Desta vez, o Capitalismo encontrou uma ótima justificativa para a sua exploração. Vejam o que diz Cecil Rhodes, um grande construtor de impérios.



Para salvar esses negros, diziam os colonizadores, é que lhe levamos a nossa civilização, com escolas, hospitais, estradas e fábricas.



Bem, o Capitalismo só é bom para os capitalistas. Acontece que as grandes potências industriais orientavam os países colonizados para a produção de matéria-prima e produtos agrícolas exportáveis. Em troca entregavam-lhes produtos industrializados. Um péssimo negócio para os países colonizados, já que matéria-prima e produtos agrícolas não favoreciam o crescimento econômico, nem o desenvolvimento industrial.



Perguntará um leitor desavisado: o Capitalismo monopolista armou toda essa zorra só para ter onde colocar seu capital excedente?

Para mim já parece muito, mas não foi tudo. Havia pelo menos mais duas boas razões.

A)

A COLOCAÇÃO DE SEUS ARTIGOS EXCEDENTES.

B)

O DESEJO DE CONTROLAR NOVAS FONTES DE MATÉRIAS-PRIMAS.

Os capitais monopolistas, estendendo seus tentáculos por todos os cantos, deixaram o resto do mundo de tanga. Os grandes empresários europeus nunca viram tanto dinheiro.



Mas do lado de fora das mansões dos capitalistas a situação não tinha mudado muito.



O que significa isso? Significa que mesmo nos países industriais ainda havia muito o que fazer. E por que não era feito?



Um capitalista, quando monta a sua fábrica, não está pensando na utilidade do seu produto para o povo. Está pensando é no seu lucro. O capitalista nunca pergunta: o que posso fazer pelo povo?

Pergunta:



Na época, a resposta era: na África, um bom lugar para investir o excedente do capital. Sobre isso há um livro escrito em 1916 por um cidadão chamado Vladimir Ulianov, mais conhecido nas rodas da malandragem como Lênin.



Ainda é Lênin quem diz:

O Capitalismo só será Capitalismo enquanto o capital excedente for utilizado para aumentar os lucros pela exportação desse capital para os países atrasados. Nesses países, os lucros podem ser altos porque: a) o capital nativo é escasso; b) o preço da terra é baixo; c) os salários são baixos; d) a matéria-prima é barata.



Mas tem mais. Havia, ainda, uma outra jogada do capital monopolista. Além dos lucros com investimento, as grandes potências faziam empréstimos aos países colonizados.



Esse tipo de negócio ainda vigora até hoje. Vejam o caso das usinas nucleares de Angra dos Reis: os alemães emprestam dinheiro ao Brasil para o Brasil comprar as usinas da Alemanha Ocidental. Não é maravilhoso?



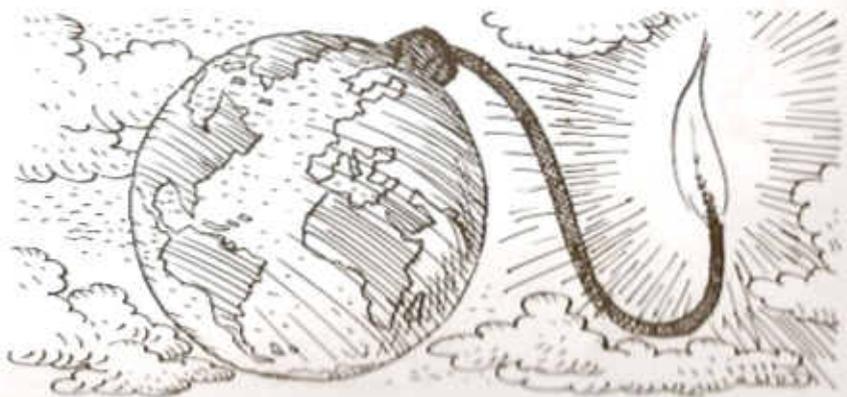
Lá pelo início do século XX, as potências capitalistas já tinham acertado seus trustes, seus cartéis, monopólios e os caminhos do imperialismo. As fábricas trabalhavam a todo vapor, o desemprego caía a níveis insignificantes, os trabalhadores conseguiam melhores salários e tudo indicava que a Humanidade viveria feliz para sempre.



Os defensores do Capitalismo só se esqueciam de um pequeno detalhe: o mundo não é estático, e as relações de força estão sempre se modificando. Algumas empresas crescem mais que as outras. Uma tornam-se poderosas, outras declinam. Começa o chega-pra-lá.



O grau de expansão capitalista exige mais mercados. A concorrência aumenta. Há lutas, brigas, descontentamento. Cada um quer um pedaço maior do bolo. Tudo isso só podia levar o mundo a uma saída: a guerra!



Capítulo 9 O imperialismo

Estoura a Primeira Guerra Mundial (industrializada) da História. De um lado, a Alemanha, Império Austro-Húngaro, Bulgária e Turquia; de outro, os chamados aliados: França, Inglaterra, Rússia, Itália, Sérvia, Romênia e mais tarde Estados Unidos.



Oito milhões de soldados, homens comuns, foram mortos em nome da "pátria", que, trocando em miúdos, tinha outro significado oculto: em nome dos grandes interesses capitalistas.



O grande vencedor da Primeira Guerra Mundial foram os Estados Unidos.



Já no final do século XIX, os norte-americanos haviam inventado uma tal de Doutrina Monroe, para "salvar" a América Latina dos colonizadores europeus.



Se vocês me perguntarem quantos países apoiaram a tal doutrina eu responderei: um.

Precisa dizer qual?

Aliás, alguns historiadores afirmam que a nossa Proclamação da República foi apenas uma afirmação de liberdade diante da Inglaterra. Acompanhava o Brasil, mais uma vez, os deslocamentos do centro do Capitalismo dominante, desta vez para os Estados Unidos.



Como na Independência, quando trocamos Portugal pela Inglaterra, desta vez também nada mudou. O caráter da burguesia brasileira continuava o mesmo.



Vejamos o que diz Caio Prado Júnior a respeito da dominação americana: "O imperialismo encontrava no Brasil uma economia que, por sua origem e pela natureza de sua formação, era desde já ajustada ao sistema mercantil europeu do qual resultaria, no seu último desenvolvimento, o sistema internacional capitalista dos nossos dias. Por essa razão, a integração do Brasil na nova ordem imperialista, que no Oriente produzia choques tão importantes e tão profundos, realiza-se sem grandes obstáculos. E a dependência da economia brasileira relativamente ao imperialismo estabelecer-se-á e institucionalizar-se-á sem dificuldades nem conflitos maiores".



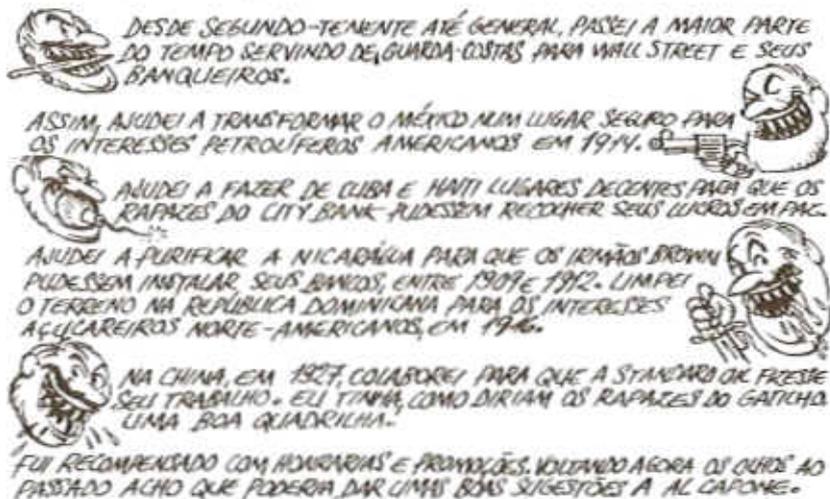
Os Estados Unidos tinham encontrado uma forma, mais sofisticada do que os europeus na África e na Ásia, de exercitar o seu imperialismo. Sem precisar botar os tanques na rua, sem precisar fincar bandeiras, sem precisar transformar os países em colônias.



A exploração da América Latina era uma prova de que os Estados Unidos podiam desenvolver a sua exploração só através de papéis: tratados, concessões, inversões, sem esquecer naturalmente o papel-moeda. Estávamos entrando na fase mais aguda da internacionalização do capital.



O imperialismo é o capitalismo na sua maturidade. Nem sempre, porém, os países explorados entendiam as boas e pacifistas intenções dos nossos irmãozinhos do Norte. Ouçam o que tem a dizer o general Smedley Butler, que passou 33 anos e quatro meses no Corpo de Fuzileiros Navais como, digamos, agente de segurança do capital americano. Ouçam-no. Com a palavra o general Butler:



Os Estados Unidos alargaram suas fronteiras capitalistas ao final da Primeira Guerra. O Capitalismo ganhou novas formas, mas perdeu uma vasta extensão de terra: a Rússia.



Capítulo 10 A antítese

Justamente num dos países europeus onde se praticava o Capitalismo mais selvagem (temos exemplos por perto), o Socialismo venceu. Em outubro de 1917, em plena Primeira Guerra, surge um fato novo que iria mudar a face do planeta: a Revolução na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas!



Os capitalistas e seus seguidores (quem pode seguir o Capitalismo sem ser capitalista?) costumavam dizer (costumam ainda) por ignorância (ou má fé) que é impossível construir uma sociedade sem classes.



Significava dizer que ninguém iria mais aumentar sua riqueza subindo nas costas dos trabalhadores. Na sociedade capitalista, a acumulação é individual (nisto se incluem as S.A. e os bancos), enquanto o trabalho é coletivo. Nas sociedades socialistas, tanto a produção como o lucro têm um caráter social. O Estado controla as atividades econômicas.



A aparição de um país socialista ameaçava toda a comunidade capitalista sobre a Terra.



Muito simples: porque o Socialismo nasceu do ventre do Capitalismo. Se os capitalistas soubessem de antemão como seu filho seria rebelde e desobediente, teriam abortado antes. Já que isso não foi possível (a História não se trai), os capitalistas botaram na rua um arsenal de argumentos para derrubar o Socialismo.



Depois da Revolução, os soviéticos puderam controlar o que acontecia dentro de suas fronteiras. Mas não podiam controlar o que acontecia no resto do mundo, um mundo capitalista. No final dos anos 20, os soviéticos, para poderem importar máquinas exportavam petróleo, trigo, peles, o diabo. Até que um dia ...



Em 1929, o Capitalismo enveredava por mais uma crise. O Capitalismo sempre viveu em crises periódicas, mas essa superou as expectativas mais capitalistas. Foi uma crise caracterizada não pela escassez mas — pasmem! — pela abundância. Nessas ocasiões, os preços caem ao invés de subirem.

PRECISAMOS DAR UM JEITO NISSO. DAQUI A POUCO ESTAREMOS PRODUZINDO TANTO QUE IREMOS À FALÊNCIA (??)



A queda dos preços — provocada pelo excesso de produção — diminui o lucro dos capitalistas. E o lucro, todo mundo sabe, é, digamos, o combustível do sistema capitalista. O sistema só anda quando promete lucro.



Trecho de uma carta de Engels a Marx, escrita em 1865: "... por que se produz tão pouco? Não é porque os limites da produção estejam esgotados. Não. Os limites da produção não são determinados pelo número de barrigas famintas, mas pela quantidade de bolsas prontas a comprar e pagar. Barrigas famintas, sem dinheiro, ficam abandonadas à própria sorte ..."



A crise de 29 era uma demonstração definitiva de que o Capitalismo não tem nada a ver com o povo. Era mais importante a sobrevivência do sistema do que as condições de vida do povo norte-americano. Os capitalistas manobraram e foram fundo no sistema, provocando desemprego em massa, fome, suicídios, o caos.



Para quem gosta de números: em 1932, somente nos Estados Unidos, 17 milhões de pessoas da população economicamente ativa (cerca de 25%) estava desempregada. Ainda em 32, a redução de salários dos trabalhadores chegou, em média, a 60%.



A crise, que se estendeu de 29 a 33, atingiu todos os países do mundo com uma única e honrosa exceção. Qual era a exceção? a) Brasil; b) URSS; c) Japão ou d) Nova Guiné? Ponto para quem disse URSS, que, na época, estava empenhada no seu primeiro plano quinquenal (28 a 32). Desculpem ter de revelar este pequeno detalhe, mas, infelizmente, está na História.



Bem, se os grandes países se arrebentaram todos, imaginem o Brasil, que ainda estava fazendo vestibular pro Capitalismo?



Capítulo 11 E o patropi?

Com a queda geral dos preços, o Brasil, que vivia da exportação de produtos primários (café, açúcar, cacau), como todo bom subdesenvolvido, levou uma porrada que perdeu o rumo do Capitalismo. Foi preciso arranjar uma revolução, no ano seguinte (30), para recolocá-lo no caminho certo.



Para vocês terem uma idéia, as exportações brasileiras, que em 29 foram de 95 milhões de libras esterlinas, em 30 caíram para 66, chegando a 33 milhões em 1935 — o mesmo que o Brasil exportava em 1893.



Durante os anos 20, no Brasil, o capital internacional foi sendo lentamente substituído pelas próprias estruturas de produção internacional com a chegada de grandes empresas norte-americanas que aqui instalaram suas filiais.



Veio a American Coffee Corporation e a Ford Motor Company e a Sydney Ross e a Bethlehem Steel (todas em 1920); a Atlantic Refining, em 22; a Firestone e a IBM, em 23; a Armour, em 24; a International Harvester, em 26 e a Goodrich, a General Tyre, a Burroughs, a PanAm etc. etc. e bota etc. nisso.



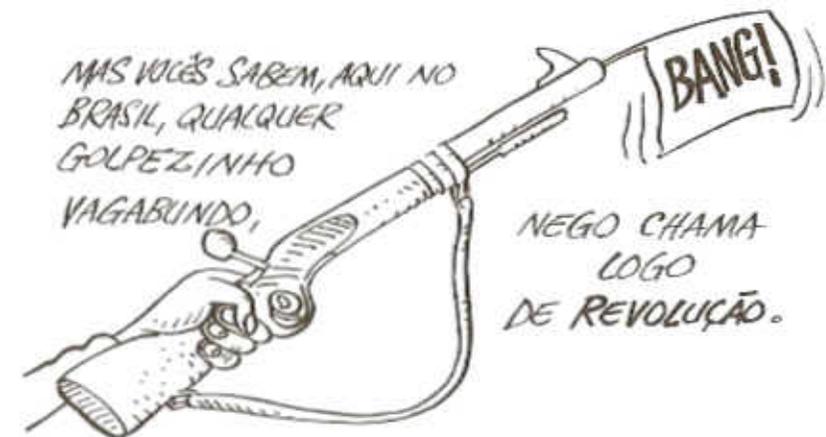
Coincidência ou não, o fato é que, um ano após a Grande Crise, o Capitalismo mudou as regras do jogo no Brasil: deixamos de ser uma economia de exportação, para nos apoiarmos na interiorização e na industrialização.



A chamada Revolução de 30 foi apenas uma reação dos grupos industriais e da burocracia civil e militar à predominância, na nossa economia, da patota do café.



Há um certo exagero em chamar o que houve em 30 de Revolução. Tudo não passou apenas de uma adaptação das classes dirigentes aos novos tempos capitalistas. Não se colocou em questão as relações de produção existentes.



A mudança de orientação no Brasil não melhorou a posição do País diante da crise internacional. Continuamos, durante alguns anos, queimando café para defender o seu preço no mercado internacional. De 32 a 37 foram queimadas 72 milhões de sacas de café ...



Comprovava-se, mais uma vez, o caráter desumano do Capitalismo. Não importava que no Brasil existissem milhões de pessoas passando fome. Importava, isto sim, proteger os preços.



Até hoje esta prática prossegue nos países capitalistas. Não faz muito tempo, a televisão mostrou, no interior de São Paulo, os produtores dando milhares de litros de leite para os porcos, a fim de garantir preços mínimos.



Diante da Depressão, os capitalistas se defendiam dizendo que as crises são comuns no Capitalismo. Os socialistas, porém, consideram as crises inevitáveis.



No início dos anos 30, chegou-se a pensar que o Capitalismo deveria receber a extrema-unção. O Capitalismo, porém, deu mais um salto e sobreviveu. Para isso, precisou de um plano (os capitalistas têm horror a planos; tremem diante de uma economia planificada).



Os capitalistas abominam planos, porque um plano pressupõe o benefício da comunidade ...



Apesar dessa fobia ao planejamento, o Capitalismo tinha de escolher.



Assim como o Capitalismo, na Crise de 29, recorreu à sua contradição para sobreviver (diminuiu a produção), agora repetia a mesma fórmula, abandonando temporariamente um dos seus postulados básicos: o liberalismo econômico.



O colapso econômico do sistema foi tão grande, o avanço da classe trabalhadora se tornou tão ameaçador, que os capitalistas não tiveram outro remédio senão o de tomar o amargo xarope da autoridade coordenadora central. Isso redundou em ...



Capítulo 12 E veio a guerra

Justamente os países onde a classe operária se tornava mais forte — Itália e Alemanha — foram os que apelaram para o totalitarismo. Terá sido mera coincidência?



Nazi-fascismo significa guerra. Significa guerra, não porque os nazi-fascistas adorem uma guerra acima de todas as coisas. Significa guerra, porque a economia nazi-fascista é uma economia capitalista necessitando de expansão.



Um jogo de interesses capitalistas deflagra a Segunda Guerra Mundial. As grandes indústrias exultam.



As grandes indústrias exultam, porque a economia de guerra normalmente coloca, diante da produção, preocupações opostas àquelas com que se defrontam nos períodos de crise ou depressão.



Há um mercado certo para seus produtos. O Governo compra tudo. A destruição de armas e material bélico afasta a possibilidade de se repetir a crise iniciada em 29, uma crise de superprodução.



Claro, a guerra não pode acabar nunca. Sobretudo, porque não é o capitalista que vai para o front: é o trabalhador.



A URSS, que não tinha nada com isso e ainda estava arrumando sua casa, tentou ficar de fora dessa briga de brancos. Hitler, porém, sabendo dos milhares de problemas internos que os soviéticos enfrentavam, resolveu invadir aquele país.



Nesse jogo, porém, deu zebra.



Os Estados Unidos, que não foram atingidos no seu território, não tiveram suas indústrias destruídas, produziram para si e para os aliados e apresentaram um grande desenvolvimento industrial, durante e depois da Guerra.



Explica-se que o Brasil tenha encolhido (e continue a encolher até hoje): se é verdade que quanto mais crescemos mais independentes nos tornamos, então, quanto mais dependentes ficamos, mais diminuimos. O Brasil tornava-se cada vez mais dependente dos países industrializados.



À primeira vista, contudo, a Segunda Guerra também foi um ótimo negócio para o nosso patropi: com a redução de quase 50% das importações, a produção industrial brasileira deu um salto digno do João do Pulo. Ocorreu o que os mais ufanistas chamaram de "crescimento invejável".



Ora, que pergunta! Porque nós só crescemos na casca. As grandes empresas capitalistas dos países industrializados detinham o controle da nossa infra-estrutura (indústrias de bens de produção), orientando, é claro, a produção para os seus interesses econômicos, sem se preocuparem a mínima com o desenvolvimento industrial do País. Deu para entender?



A industrialização no Brasil não seguiu o modelo clássico. Não passamos por uma fase de amadurecimento tecnológico. Desde o início, produzimos com máquinas importadas das economias dominantes. Assim, crescemos de cabeça para baixo, ou, como diz Ladislau Dowbor, tivemos um desenvolvimento industrial invertido: "Fizemos o topo da pirâmide (bens de consumo) antes da base (bens de produção)".
E por quê?



Foi realmente durante a Segunda Guerra que a industrialização adquiriu um papel crescente na vida do Brasil. Isso, porém, não provocou as transformações esperadas.



Alguns setores esperavam que o processo de industrialização provocasse mudanças na ordem (ou desordem) social. Foi uma frustração.



Porque, desde o início, desde que demos o pontapé inicial, em nosso processo de industrialização, na sua base permaneceu sempre um dado fundamental: jamais se botou em questão as relações de produção.

E botar pra quê? perguntará um capitalista.



As modificações só ocorriam na cabeça (burguesia nacional, capital estrangeiro) do nosso corpo sócio-econômico. Da cintura para baixo (operários, camponeses), não ocorria nenhuma mudança estrutural. As alterações eram apenas um reflexo do que vinha de cima. Em 56, o nosso sorridente JK abriu definitivamente as pernas para o capital estrangeiro.



Capítulo 13 O milagre

Antes de prosseguir, porém, vamos voltar o filme até a volta de Vargas em 50, por via de eleição (seu populismo sensibilizou o povão). Vargas tentou retomar a defesa dos interesses da burguesia nacional.



Pierre Salama, em *Le procès du sous-développement*, diz: "A redução da margem de manobra da indústria nacional levava a burguesia nacional a se transformar em burguesia associada, transformação que se exprime pela queda de Perón e Vargas e por uma colaboração mais estreita com o imperialismo".



A política de Vargas não encontra mais receptividade nas classes governantes. Em 54, o Ministro do Trabalho, João Goulart, propõe um aumento de 100% no salário mínimo. Os militares exigem seu afastamento.



No dia 24 de agosto, Vargas suicida-se, completamente isolado. Não demorou muito, Café Filho, que o substituiu, aboliu, com a instrução 113 da Sumoc — Superintendência da Moeda e Crédito —, qualquer restrição às operações cambiais das empresas estrangeiras que se instalam no Brasil.



A partir de 56, então, vira uma festa. Entra tudo. Foram 248 milhões de dólares em investimentos nos mais variados setores: máquinas e automóveis, siderúrgico, metalúrgico, químico, farmacêutico etc. Quem batesse na porta seria convidado a entrar. Aliás, nem era preciso bater: a porta estava aberta.



E quanto aos capitalistas brasileiros? Não entraram nesse bloco? Bem, os capitalistas brasileiros, por razões que já expusemos, não tinham condições de instalar siderúrgicas, fábricas de automóveis, indústrias pesadas, enfim.



O capitalismo brasileiro ficou nas bocas, aguardando.



Chegamos, então, em 63/64, com o país em meio a uma crise de superacumulação acompanhada de fortes pressões inflacionárias. Jango, o Presidente, solta as rédeas das pressões populares (o mesmo expediente que o Governo "Revolucionário" usou 10 anos depois, permitindo as greves do ABC). Acontece que Jango não era confiável.



Mais um golpe de Estado. Mais um, seguindo a mesma fórmula surrada de dezenas de outros ocorridos na América Latina. O Capitalismo pega sua guarda de segurança — as Forças Armadas — e joga-a contra as reivindicações populares.



Um leitor, pouquinho coisa mais afoito, perguntará então se o Exército é a favor do Capitalismo.



Os militares, a princípio, não têm a menor idéia do que seja colonialismo, imperialismo, capitalismo, socialismo e outros ismos. Este é o grande problema, porque, interferindo como interferem no processo político, deveriam ter uma formação mais sólida em ciências políticas, econômicas e sociais.



Ninguém, na sociedade brasileira, tem uma cabeça mais colonizada pelos Estados Unidos do que os nossos militares; que imitam em tudo — até na farda — nossos coleguinhos norte-americanos. Usam apostilas americanas, fazem cursos nos Estados Unidos, compram armamentos americanos. Que que vocês querem mais?



Assim, com a inestimável colaboração dos militares, o capital estrangeiro, que deslanchou a partir de 55, iria assumir uma posição hegemônica a partir do golpe de 64. Em outras palavras: iria tomar conta do País.



O golpe de 64 não foi perpetrado para restabelecer a democracia (aliás, isso já ficou provado). A princípio, sua intenção era semelhante a de todos os golpes que esquadream a América Latina: dar proteção e segurança ao Poder Econômico.



Cedo, porém, o Poder percebeu que poderia partir para um projeto mais ambicioso: por que não fazer do Brasil um país definitivamente capitalista?



A idade não era bem o caso, mas o tamanho e a população. Fôssemos do tamanho de Honduras, por exemplo, e nada mudaria até o próximo golpe.



Antes de mais nada, o Governo precisava aparar a grama para o investidor estrangeiro: reformulou a lei de Remessas de Lucros. Depois, para auxiliar o magro capital nacional, precisou criar recursos. Criou o FGTS, o PIS/PASEP, Cadernetas de Poupança, Fundo 157, Loteria Esportiva, Loto...



Chegamos a uma situação capaz de entortar a cuca de qualquer um: através desses estranhos mecanismos financeiros, o pobre passou a financiar o rico. O patrão passou a ampliar os seus negócios à custa do empregado.

O MEU DINHEIRO DO FGTS É USADO PARA FINANCIAR CONSTRUÇÕES DE LUXO E PROPORCIONAR LUCROS ABSURDOS ÀS SOCIEDADES DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO... AGORA PERGUNTEM ONDE EU MORDO!



Quanto ao PIS/PASEP, cerca de 80% dos recursos são transferidos para o BNDE utilizar no capital de giro das indústrias de base. Em 78, o patrimônio do PIS/PASEP ultrapassava a 110 bilhões de cruzeiros. Você sabia disso?

EU? COMO É QUE EU PODIA SABER? NESSE PAÍS NÃO ME DIZEM NADA... QUANDO DIZEM É MENTIRA.



Toda essa grana preta pertence a cerca de 30 milhões de trabalhadores brasileiros. Quer dizer, já não basta a exploração do trabalhador pelo capitalista, já não basta o lucro do capitalista ao vender seus produtos ao trabalhador. É preciso ainda pegar o pouco dinheiro que resta ao trabalhador (quando resta) para subsidiar o Capitalismo.

ESTAMOS SÓ CONCENTRANDO NAS MÃOS DOS CAPITALISTAS. DEPOIS VAMOS REPARTIR TUDO... TUDINHO.



TEMOS QUE CONCENTRAR NAS NOSSAS MÃOS. OS TRABALHADORES NÃO ENTENDEM NADA DE DINHEIRO...

SE ENTENDESSEM NÃO SERIAM TRABALHADORES. SERIAM CAPITALISTAS.



Não é de admirar que, segundo um estudo da Unesco, o Brasil seja o país capitalista onde existem as maiores desigualdades sócio-econômicas em todo o mundo.



Mas se vocês pensam que a exploração parou aí estão enganados. Não satisfeito em fazer tudo isso com o trabalhador, o Capitalismo ainda reduz sua alimentação.



Um exemplo disto está no modelo de comércio exterior revelado num trabalho do economista Edmar Bachá. Trata-se da conhecida substituição do feijão pela soja no Sul do País. Vamos ver:

No primeiro momento, produzia-se o feijão, que era consumido pelas classes populares.

Num segundo momento, esse feijão deixou de ser produzido, e, em seu lugar, passou-se a produzir soja. A soja é vendida para o Exterior.

Como resultado dessa venda, o País recebe em dólares.

Com esses dólares importa outros produtos, no caso, chapas de aço para a indústria automobilística.

As chapas são incorporadas aos automóveis produzidos aqui para serem vendidos às classes de renda mais elevada.

Que se depreende de tudo isso? Que não houve substituição de feijão por soja, mas de feijão por automóveis.



Dito de outra maneira, o que houve foi a troca de um produto que atendia à demanda de classes populares por outro que atende à demanda das classes ricas. Ou seja, o privilégio do rico às expensas do pobre.



E já que falamos em comércio exterior, convém não esquecer que o Brasil é o segundo exportador de produtos alimentícios do mundo ocidental. No entanto, grande parte da população brasileira passa fome.

Depois ainda dizem que o Capitalismo está voltado para o Homem!



Desnecessário dizer que, para o Capital chupar até os ossos do Trabalho, através de classes medidas econômicas, foi preciso, antes, fazer certos reajustes políticos.



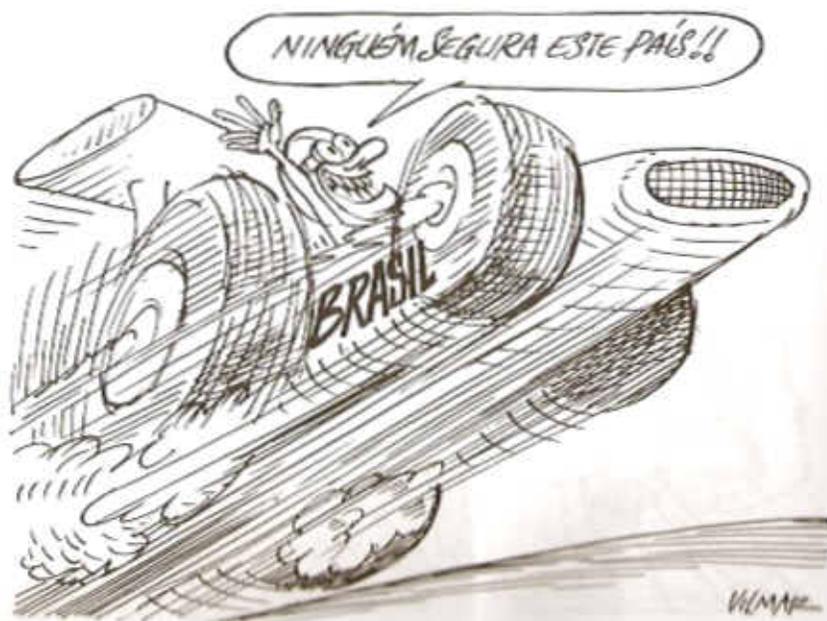
Os sindicatos dos trabalhadores (a única arma de que eles dispõem num sistema capitalista) foram transformados em grêmios recreativos.



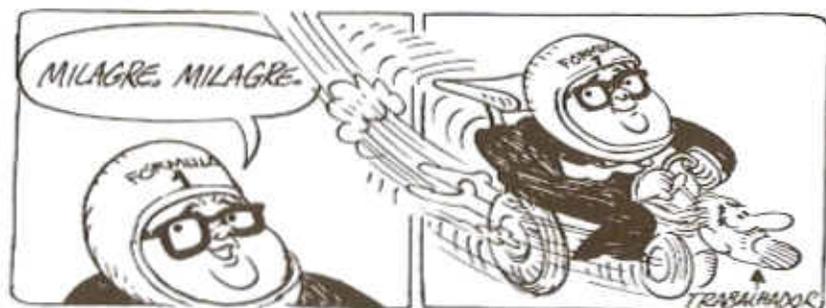
Os trabalhadores, expoliados até a medula, pareciam mineiros: trabalhavam em silêncio.



Assim, com o Poder entoando seu grito de guerra — Ao Capitalista, tudo! Ao trabalhador, o relógio de ponto! — o Brasil conseguia, em fins dos anos 60, início dos 70, acelerar seu desenvolvimento econômico.



Foi um desenvolvimento tão artificial, tão antinatural, tão difícil de ser explicado (sem comprometer o Poder), que o chamaram de *milagre*.



Por que será que o Milagre do Capitalismo brasileiro correspondeu à fase mais negra da repressão política dos anos de ditadura?



O Milagre se fez principalmente em cima do arrocho salarial do trabalhador (o que tornava a mão-de-obra barata o bastante para atrair investimentos estrangeiros).



Evidentemente, um crescimento tão artificial não poderia, para tristeza dos capitalistas, durar para sempre.



Já não havia mais jeito, porém, de espremer o trabalhador para prosseguir com o Milagre. Ocorria uma contradição insólita que Marx já havia previsto um século antes, estudando o Capitalismo: o capitalista precisa manter os salários baixos para aumentar seus lucros. Com isso, contudo, destrói a capacidade aquisitiva do trabalhador, de quem também depende para realizar seus lucros. Quer dizer: salários baixos tornam possíveis altos lucros, mas, ao mesmo tempo, tornam os lucros impossíveis, porque reduzem a procura de mercadorias.



O Milagre perdia o fôlego.



O fim do Milagre coincidia com as eleições de 74, quando o partido da oposição obtinha uma vitória esmagadora.



Coincidia também com a crise internacional do petróleo (que o Governo só percebeu em 79).



O Capitalismo (nacional e internacional) começou a manobrar, para se adaptar aos novos tempos — sem Milagre.



A greve é considerada um pecado mortal contra o sistema. Certamente, porque é a resposta mais eficiente com que conta o trabalhador para reagir à exploração capitalista. Por isso mesmo, as greves são reprimidas ... quase sempre a porrada!



É bom esclarecer que esse tipo de tratamento, digamos, de choque, dado aos grevistas, vem de antes da invenção do comunismo (sempre apontado como responsável pelas greves).



Como vocês vêem, o trabalhador brasileiro é dominado e subjugado pelo Capitalismo hierárquico e autoritário que domina nossa economia desde o século passado.



Por uma razão muito simples: o capital tem sempre razão. Mesmo quando não tem... O capital tem razões que a própria razão desconhece.

Vocês já viram um torcedor do Vasco ter razão na torcida organizada do Flamengo?

Não custa repetir que nós vivemos debaixo de uma ditadura do capital (ou da burguesia): uma minoria que explora o trabalho e tolhe as aspirações da maioria.



Claro está que, para o Capitalismo manter esta relação de exploração permanente, precisa usar de todos os meios disponíveis. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), por exemplo, feita nos anos 30, vigora até hoje no País.



Convém não esquecer que a CLT foi inspirada na Carta del lavoro, instituída por Mussolini na Itália fascista.



É fácil concluir que quanto mais o Estado impede a ascensão e as reivindicações dos trabalhadores, mais o Capitalismo (que, no fundo, é o Estado) se expande segundo seus próprios interesses. Foi assim que se deu o Milagre. O Capitalismo jogando solto expandiu seus interesses até não poder mais.



E vieram as primeiras greves. Imaginem a situação em que se encontrava o trabalhador brasileiro, para que o Poder permitisse a realização de greves!!



A verdadeira razão desse rasgo de liberalismo, porém, não aparecia: escondia-se por trás do discurso político de redemocratização. A verdadeira razão era permitir que o trabalhador recuperasse um pouco de seu poder aquisitivo, para poder ingressar no mercado consumidor. Afinal, as Multinacionais já tinham se instalado, e agora precisavam vender.



Eis aí a velha contradição do Capitalismo (que só pensa em vender) exacerbada pelo gigantismo das Multinacionais. Era preciso melhorar as condições do trabalhador para ampliar o mercado consumidor.



As Multinacionais irão fazer deste País uma sociedade de consumo. Mas, para que haja consumo, é preciso antes haver consumidores. Nos países capitalistas desenvolvidos, com uma classe média forte e uma classe operária menos expoliada do que aqui, o mercado está pronto para receber as Multinacionais. Num país como o Brasil, porém, onde a maioria esmagadora da população é de trabalhadores mal-remunerados, há necessidade de se criar um mercado consumidor.



Capítulo 14 As multi

Agora, façamos uma pausa (que refresca!), para dizer umas três palavrinhas sobre as Multinacionais, que hoje em dia mandam e desmandam no nosso planetinha.



As Multinacionais crescem, atualmente, a uma média de 10% ao ano. Uma taxa de crescimento superior à de quase todos os países.



Embora a Multinacional tenha se vulgarizado na boca do povo, muito recentemente, ela já vem de longe. Vem do século passado. Em 1866, já havia a Nestlé, com sede na Suíça.



A expansão das Multinacionais, porém, só veio firme e forte com o final da Segunda Guerra, quando se alterou substancialmente a relação de subordinação econômica dos países subdesenvolvidos com as potências industriais. Em 1978, no Brasil, segundo um estudo da OEA, 57% do faturamento líquido do nosso setor industrial ficou nas mãos das Multinacionais. O resto ficou com as indústrias estatais e nacionais.



A presença maciça das Multinacionais vai tornando o Brasil cada vez mais dependente (coisa que, aliás, nunca deixou de ser).



Segurando o País na palma da mão, é natural que as Multi façam o que bem entendam no Brasil. Em 1979, as 62 principais Multi em atividade no País apresentaram balanços deficitários.



O leitor sabe que não é bem assim: o balanço torna-se deficitário, porque as Multi remetem para suas sedes no Exterior mais recursos do que trouxeram para o País.



A manobra (simplificada) é mais ou menos a seguinte: as Multi chupam o nosso dinheiro e remetem uma parte para o Exterior (empobrecendo o País). O Governo, então, sem dinheiro, sai para pedir um empréstimo lá fora. Qual é a "grana" que dão para ele? A nossa, recolhida pelas Multinationais que são associadas aos grandes bancos internacionais. O dinheiro volta, então, ao Brasil (mais caro, porque o Governo tem de pagar juros e serviços) e cai nas mãos de quem? Das Multi, é claro, que dominam a nossa economia. E o que fazem as Multi? Tornam a remeter uma parte para o Exterior (empobrecendo ainda mais o País). E o que faz o Governo? Torna a sair atrás de mais empréstimos.



E os bancos internacionais emprestam. Mas não emprestam porque o Brasil é um país viável, maravilhoso, é isso, é aquilo, como costumam declarar os banqueiros internacionais. Emprestando porque o Governo permite que as Multi continuem evoluindo livremente na nossa passarela econômica. Quer dizer: o País, de um lado, depende das Multi, e, do outro, dos bancos internacionais.



O Brasil, até levar um "chega-pra-lá" do FMI, foi um dos maiores tomadores de dinheiro do mercado internacional de capitais.



Plim! Plim! — pequeno intervalo para um comercial dos bancos.

Os bancos aparecem sempre, nos comerciais de televisão, como a instituição mais humanitária do mundo. São simpáticos, solidários, amigos, mostram-se dispostos a quebrar todos os nossos galhos. Mas vocês já repararam uma coisa? O banco só empresta dinheiro para quem tem! (E a que juros!!)



Os bancos comem o País por fora (os que estão no Exterior) e por dentro (os que estão instalados aqui). Nos anos 50, conta o economista Eduardo Suplicy, nós tínhamos mais de 400 bancos. Hoje, estamos reduzidos a 110.



Aquela conversa do Delfim, no início dos anos 70, também alcançou os bancos.



A complexidade das Multinacionais passou a exigir, no Brasil, uma rede bancária comparável. Os bancos, que sempre foram um excelente negócio, passaram a ser o melhor negócio do mundo no Brasil.



O banqueiro é o único cidadão que não se preocupa com a inflação.



A rentabilidade dos bancos continua sempre subindo, independente da inflação (aliás, os bancos, com os juros liberados, são excelentes alimentadores da inflação). Segundo o DIEESE — Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos —, no período de 69 a 77, o lucro dos bancos foi de 2 915%.



Como o Brasil é um país capitalista, como o Capitalismo necessita de Capital e como o Capital está dentro dos bancos, aqui, os bancos, como as multinacionais, estão acima do Bem e do Mal e da Lei e da Constituição etc. etc. Os bancos têm até respaldo na Lei de Segurança Nacional.



Os banqueiros e financistas fazem todo tipo de "rolos", de negociatas, de falcaturas, de falências fraudulentas etc. etc. Agora, me respondam: alguém aí já viu algum dono de banco ou financeira ir para a prisão?



Plim! Plim! Multinacionais — Epílogo. Vai-se tornando impossível resistir ao rolo compressor das Multi que, adquirindo empresas brasileiras, enfraquecem cada vez mais o minguado capital nacional.



Encontramo-nos, então, diante de um quadro que Dali não faria mais surrealista: o empresário brasileiro sendo alijado do processo econômico do seu próprio País.



As Multi vão se tornando tão fortes que em muitos países impõem as regras do jogo com a maior sem-cerimônia.



Táí, claramente demonstrado como o econômico determina o político (muita gente ainda pensa que é o contrário). A dependência econômica arrasta com ela a dependência política.



As Multi adquiriram poderes supranacionais. Ou seja, estão acima das nações. Não é nada impossível que mais um quarto de século e a idéia de nação (ou pátria) seja reformulada em função dos interesses das Multi.



Uma pergunta: Como estaria hoje o Brasil sem a presença das Multi? Pouco melhor que Uganda.

Outra pergunta: E como ficará o Brasil, no futuro, com a presença de tantas Multinacionais? Exatamente como está hoje: um país dependente, sem condições de subir de turma.

Ou vocês acham que teremos condições de vencer a concorrência das Multi, para nos tornarmos um país economicamente independente?



Para os ufanistas, que acreditam estarmos próximos a superar essa fase, é bom lembrar que o mundo continua dividido em quatro grupos: países industrializados, países socialistas, países em desenvolvimento e países subdesenvolvidos. As características dos países em desenvolvimento são as seguintes:

- | | |
|--|--|
| 1- INDÚSTRIAS NAS MÃOS
DAS MULTINACIONAIS | 4- DESEMPREGO E VIOLÊNCIA URBANA |
| 2- GRANDE DÍVIDA EXTERNA | 5- INJUSTA DISTRIBUIÇÃO DE RENDAS |
| 3- ELEVADO CUSTO DE VIDA | 6- MIGRAÇÃO PERMANENTE
DOS CAMPOS PARA A CIDADE |

Pergunta: Estará o Brasil incluído nesse grupo??



Capítulo 15 Nova sociedade



E o que é uma sociedade de consumo?
É o Capitalismo no seu esplendor, luxo e beleza.
O elemento fundamental do modo de produção capitalista é a mercadoria. O Capitalismo só se realiza na produção e venda de mercadorias. O Capitalismo transforma tudo em mercadoria. Conseguiu transformar até o trabalhador (que muitos pensam ser ainda um ser humano).



A sociedade de consumo é, portanto, o Capitalismo elevado à sua enésima potência. Botando todo mundo para consumir.



Vista por outro ângulo, a sociedade de consumo pode ser chamada de sociedade de venda. Para alguém consumir, alguém tem que vender. Tudo vira um pretexto para vendas.



A sociedade de consumo sacramentou definitivamente a idéia de que *Ter* é mais importante do que *Ser*.



Ao *Ter*, ao invés de *Ser*, o Homem (leia-se classe média) deslocou seu eixo de preocupações existenciais para coisas que estão fora dele, *Homem*. O que que aconteceu, então?



Sem a preocupação do *Ser*, o Homem torna-se oco por dentro. Perde sua consciência crítica, sua capacidade de reflexão, e torna-se uma presa fácil da tríplice aliança formada pelo consumo, a publicidade e a televisão.



O Homem deixa de ser sujeito e passa a ser objeto. Tem suas decisões e sua própria vida comandada pelas necessidades e pelos interesses do mercado.



Chega uma hora em que não conseguimos decidir mais nada. Nem o que fazer com o tempo livre.



E viramos um número.



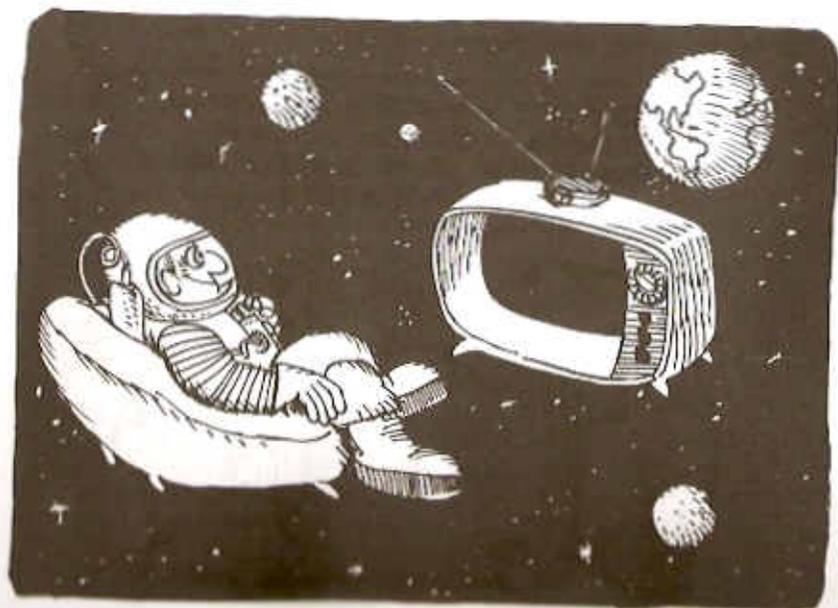
Desnecessário falar do papel da televisão na sociedade de consumo. O consumo vem de longe, vem da pré-história do Capitalismo, mas organizar a sociedade só foi possível depois da Segunda Guerra, com o casamento das Multi (produção em larga escala) com a televisão (difusão em larga escala).



A televisão, amadurecida, provocou uma revolução (como a de 64) nos hábitos, costumes e comportamento do homem brasileiro. Foi ela quem criou o consumidor.



A televisão (que, todo mundo sabe, não estimula a reflexão) fez do Homem um ser passivo, comandado por estímulos. O Homem já não participa das coisas do seu tempo. O Homem apenas vê, observa o mundo como algo de que ele não faz parte (algo fora dele).



A televisão não trabalha para desenvolver as qualidades do Homem, porque não está voltada para ele (a não ser enquanto consumidor e número de ibope). A televisão, senhores, está voltada para o . . . LUCRO! Sim, para o lucro. Num sistema capitalista, a televisão é um negócio, como um armazém.



A expressão "intervalo comercial" é uma mentira. O intervalo, na verdade, é artístico. Ou vocês duvidam que a televisão, se pudesse, botaria comerciais no ar 24 horas por dia? Convém não esquecer, porém, que a televisão não faz o que bem quer e entende. A televisão, aqui ou alhures, é apenas um braço (forte, reconheço) do Poder.

PODE SER UM BRAÇO, UMA PERNA, UM LIMBIÇO, O QUE FOR ... MAS NINGUÉM PODE DIZER QUE ELA NÃO É LIM BOCADO BONITA.



A televisão brasileira (leia-se Globo) é bonita porque ela não reflete o País. A TV Globo tem cara de multinacional. Reflete o Brasil das classes dominantes (que são as que podem comprar), com seus comerciais de carrões, de ambientes requintados, de mulheres bonitas . . .



Alguém, então, vai aproveitar outro intervalo comercial para perguntar por que a maioria do povo brasileiro, que vive à margem desse mundo encantado que a televisão retrata, não reage.



A ideologia é um estabilizador social. Faz com que o trabalhador, que produziu quase tudo o que é anunciado na televisão, não possa consumir o que produziu e se conforme com isso. Não é fantástico?



Capítulo 16 A ideologia

A ideologia é um dos meios usados pelas classes dominantes para exercer sua dominação sem que os dominados percebam que são realmente dominados.



Esse é o papel da ideologia dominante (burguesa): fazer com que as pessoas não se apercebam de que estão divididas em classes (tornando muito mais fácil a dominação).



A ideologia trabalha febrilmente, no sentido de homogeneizar a sociedade. A todo momento, procura demonstrar que só existe um homem brasileiro (o homem cordial), que só existe uma família brasileira. Mas mande uma família da Vieira Souto perguntar a uma família do sertão nordestino se ela sabe o que é um cheque ouro ou um cartão de crédito!



A ideologia burguesa tem também suas idéias para justificar as diferenças. Eis algumas usadas com freqüência: questões de talento individual, questões de natureza, ambição etc. ...



Um dos chavões preferidos da ideologia dominante, que gosta de anunciá-lo com toda a pompa, orgulho e circunstância, é que "as oportunidades são iguais para todos".



O pior é que alguns pobres, miseráveis, explorados acreditam e repetem o chavão. Por que acreditam? Por que repetem? Porque a ideologia dominante — mesmo não sendo a única num sistema capitalista — é a que se impõe, através dos mecanismos de dominação (educação, religião, costumes, meios de comunicação). Assim, a maneira como a classe dominante age será a maneira como todos os membros da sociedade irão agir e pensar.



A ideologia burguesa apresenta uma visão invertida da realidade. Procura fazer com que as idéias da classe dominante apareçam como idéias "verdadeiras". Quanta gente existe por aí pensando que uma greve operária é sinônimo de caos, baderna, ameaça à ordem pública?



É o trabalhador acredita. Sem se dar conta de que a Lei é um instrumento de dominação do Direito, que é um instrumento de dominação do Estado, que é um instrumento de dominação da classe dominante.



Marilena Chauí diz, em seu trabalho sobre ideologia, que "a função do Direito é fazer com que a dominação não apareça como uma violência. Se o Estado e o Direito fossem percebidos como instrumentos de dominação, os dominados se revoltariam. A função da ideologia consiste em impedir essa revolta fazendo com que o legal apareça para os homens como legítimo, isto é, justo e bom".



Claro que a classe dominante não se reúne para criar uma ideologia como se reúne para criar a Lei de Segurança Nacional ou a Constituição.



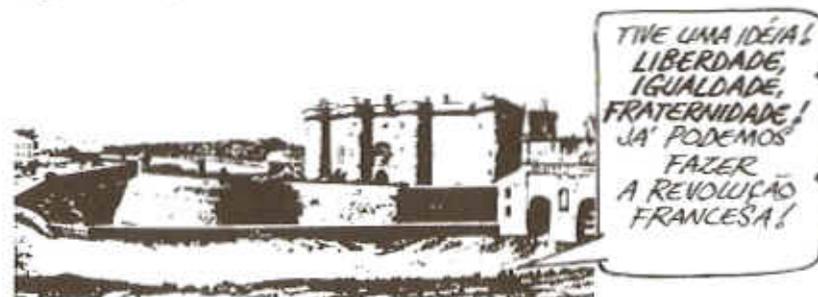
A ideologia resulta das atividades materiais, das relações de produção, enfim, da prática social. Marx e Engels (aqueles dois monstros, segundo a ideologia burguesa) afirmam que a ideologia surgiu da divisão social do trabalho.



A ideologia surgiu, assim, da cabeça das pessoas que viviam distantes das relações de produção (teóricos, ideólogos, intelectuais). Esses "caras" procuravam explicar o mundo através de suas teorias.



As idéias — e, por conseguinte, a ideologia — passaram a ser entendidas como um poder espiritual, autônomo e distante, regendo a ação material dos homens.



Algumas pessoas realmente acreditam nisso. Não se dão conta de que a teoria provém da prática. Não são as idéias que determinam as relações entre exploradores e explorados. A relação entre os dois é que determinam as idéias. Eu pergunto: Por que as teorias de Marx não foram desenvolvidas por um outro cara, digamos, na Idade Média? Eu mesmo respondo: Porque as condições históricas não permitiam.



Somos levados a crer que as idéias é que puxam a História, porque a ideologia dominante alienou o Homem, atribuindo sua origem social a forças alheias, superiores e independentes da sua, como a Natureza, o Destino, o Estado ...



Não é assim? Todos nós vemos o Estado como algo autônomo, independente, com vida própria, que só pensa na gente na hora de cobrar impostos. Acharmos que não temos nada a ver com o Estado. Ele lá em cima e nós aqui embaixo. Não nos apercebemos mais de que o Estado é formado por homens: nós. Quantas vezes nos referimos aos homens que tomaram o Poder em 64 como "eles"? E nos colocamos na posição de meros espectadores de tudo o que aconteceu de 64 para cá.



Esse distanciamento, é claro, serve para tranquilizar também a nossa consciência. Às vezes nem percebemos mais que as ditaduras só se instalam contando com um grau de permissividade de todos nós.



Somos também responsáveis por todos esses anos de ditadura e autoritarismo, porque a dita Revolução não surgiu da cabeça de meia dúzia de golberyys (da idéia). A Revolução brotou do palco da História, que é a sociedade, que somos todos nós.



A sociedade é um monte de gente, de famílias, de instituições, organizações, que, em princípio, deveriam viver em harmonia.



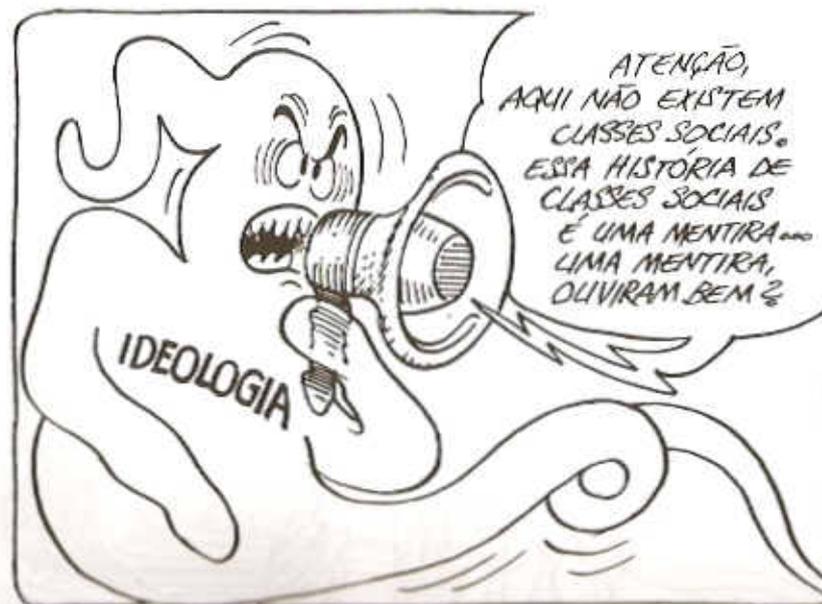
A harmonia social só se mantém graças à ação reguladora do Estado, que faz o jogo das classes dominantes, mas finge servir ao interesse geral.



Não é fácil harmonizar uma sociedade capitalista (ainda por cima "em desenvolvimento").



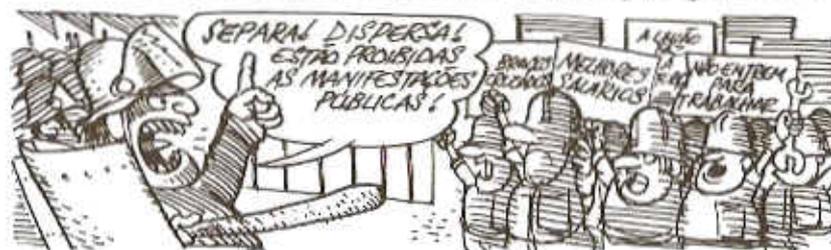
O trabalho do Estado seria muito mais difícil ainda se não contasse com a valiosa colaboração da ideologia dominante, difundindo suas idéias por todos os meios (televisão, educação, religião, jornais, o diabo).



Num sistema capitalista, a sociedade é rachada de alto a baixo pelos interesses e conflitos de classes (exploradores e explorados). A ideologia dominante, no entanto, trabalha no sentido contrário, difundindo a idéia de que os conflitos surgem isoladamente dos indivíduos.



Eis a velha máxima de não sei quem: "Dividir para governar".



A pressão ideológica, na cabeça das pessoas, apontando para soluções individuais, retarda e dificulta a aparição da consciência de classe. Não terá sido este um dos motivos que atrasou tanto o movimento sindical brasileiro?

EU TRABALHO HÁ 25 ANOS, MAS SÓ VIM A SABER QUE PERTENÇA A UMA CLASSE EM 1974.



Capítulo 17 A competição

O Capitalismo joga forte, empenha-se a fundo nesse processo de individualizar soluções, de isolar pessoas. O sistema vira um salve-se-quem-puder. As pessoas se voltam cada vez mais para si, para seu mundinho pessoal. Perde-se, assim, o espírito de coletividade, o sentido de solidariedade, de humanidade, a noção de comunidade, de conjunto, de tribo, valores que acompanham o Homem desde os albos da Civilização.



A ideologia dominante passa, então, a idéia de igualdade, de união, para preencher tudo aquilo que o Homem vai perdendo na individualização estimulada pelo sistema. Mas passa essa idéia de igualdade pela massificação, pelo consumo, pela informação horizontal (televisão).



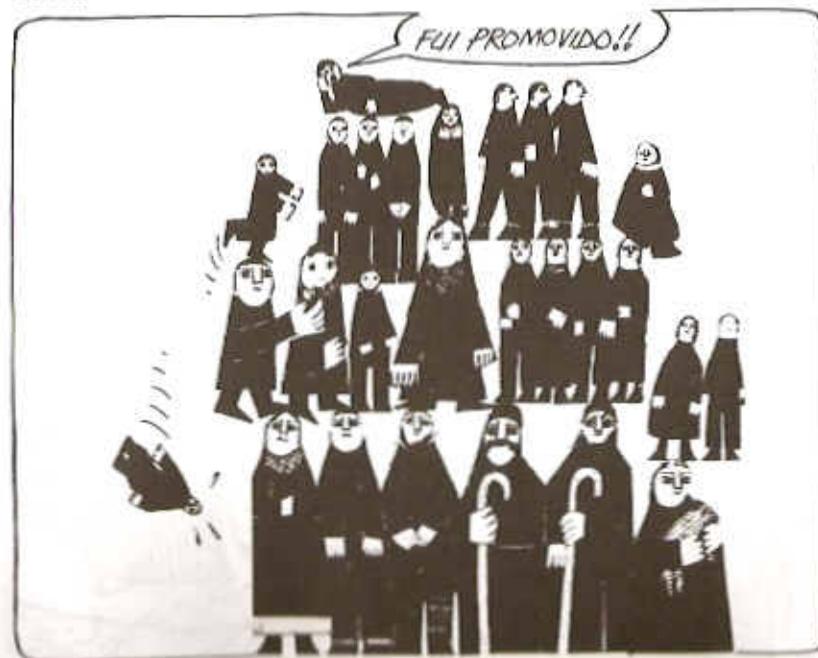
Ou seja, tira de dentro (de coisas que o Homem tem dentro dele) e dá coisas que estão do lado de fora do Homem. O processo de individualização chegou a tal ponto que a revista *Veja* (reproduzindo o *Time*, americano) qualificou os anos 70 como a década do EU.



A exacerbação do individualismo, porém, tem sua contrapartida. A sociedade capitalista é altamente competitiva. Desde o berço vivemos para competir, não para compartilhar.



Num país capitalista "em desenvolvimento", com um mercado de trabalho mais restrito, a competição torna-se ainda mais feroz.



A sociedade vira um enorme ringue de vale-tudo onde as pessoas se enfrentam segundo as regras da competição capitalista.



O Homem vai-se transformando. Vai virando bicho. O individualismo tirou-lhe, como já vimos, muitas coisas. Em compensação, a competição deu-lhe outras para botar no seu lugar (???). Isso sem falar na puta solidão que vai enredando as pessoas.



A solidão é filha do individualismo com a competição. Aparece de uma forma mais clara na classe média, onde a competição é mais feroz.



Na classe média, a competição extravasa o mercado de trabalho. Manifesta-se em todos os níveis, principalmente através do consumo (pela ostentação).



Se vocês virarem esse raciocínio de cabeça para baixo (sobre a competição) vão ver que as pessoas, quanto menos competitivas, mais solidárias são. As camadas inferiores da população, que ainda não entraram nesse *cooper* capitalista, revelam-se muito menos competitivas (ou mais solidárias).



Às vezes, um pobre-coitado toma consciência dessa competição e de tudo aquilo que a sociedade capitalista lhe sonogou. Parte para cobrar a sua parte. À sua maneira:



A esse desesperado a sociedade dá o nome de marginal.



Por que será que Nova York é a cidade mais violenta do mundo? (Perdemos no *photochart*.)



Não será porque é em Nova York onde existem as maiores diferenças sócio-econômicas em todo o mundo?



O Capitalismo é inviável, meus caros. Apesar de ter mudado a maquiagem várias vezes, ao correr dos tempos, sua cara permanece a mesma, suas características continuam as mesmas.

CARACTERÍSTICAS

- 1- PROPRIEDADE PRIVADA DOS MEIOS DE PRODUÇÃO
- 2- O RESULTADO DA PRODUÇÃO É PROPRIEDADE DO CAPITAL (NÃO DO TRABALHO)
- 3- LUCRO MÁXIMO
- 4- EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM



Do exposto acima (ou ao lado) provém toda a miséria social existente, a olhos vistos, numa sociedade capitalista.



Não é incrível? De um lado, a maioria esmagadora sobrevivendo miseravelmente do resultado do seu próprio trabalho. Do outro, uma minoria que vive à farta com o resultado do trabalho daquela maioria.



Capítulo 18 Tudo errado

O Capitalismo é um monstro de duas cabeças.



No Brasil, convivem dois países: uma Suíça e uma Índia.



Há hospitais para ricos e hospitais para pobres. Restaurantes para ricos e restaurantes para pobres. Roupas para ricos, roupas para pobres. Habitação para ricos, habitação para pobres. Etc. para ricos e etc. para pobres.



Sim, ainda há os miseráveis, aos olhos de quem os pobres são ricos. A pobreza, todos sabem, é a privação do supérfluo; a miséria, a privação do necessário. A UNESCO informa: "Quarenta por cento dos brasileiros vivem em estado de absoluta miséria".



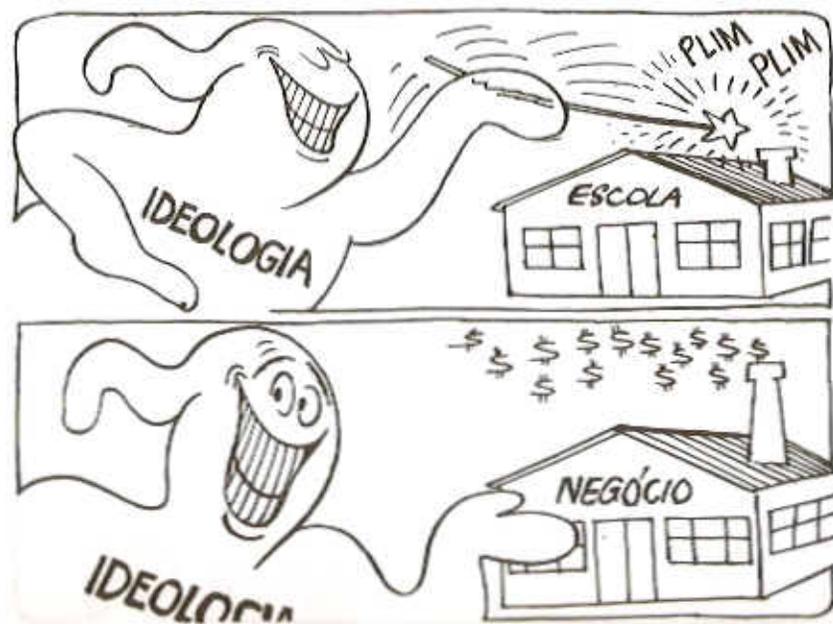
Agora me respondam: se o capitalismo é realmente um regime porreta, como anuncia a classe dominante, por que tantos miseráveis? tantos pobres? tantas diferenças econômicas?



Por que em todos os anos de ditadura, quando o Governo sempre fez o que quis (sem oposição) as diferenças sociais não diminuíram (pelo contrário)? Por que a qualidade de vida da maioria do povo continua descendo a ladeira? Por que a sociedade brasileira não se tornou mais justa, mais humana?



Resposta: porque o Capitalismo é uma varinha de condão ao contrário: desencanta tudo o que toca.



O Capitalismo transforma tudo num negócio. A saúde (medicina) vira um negócio; a educação vira um negócio; a alimentação vira um negócio; a cultura vira um negócio; a organização urbana vira um negócio. Tudo passa a ser regido pela batuta do lucro.



Tudo isso, meus caros, porque, na verdade, o Capitalismo não tem o menor apreço nem o menor respeito pelo Homem. Sente-se tão culpado disso que procura aparecer o mínimo possível.



A ideologia dominante (no mundo ocidental) protege o mais que pode a palavra Capitalismo. Prefere sempre substituí-la por uma expressão mais sedutora: Democracia!

Só que Capitalismo não "fecha" com Democracia. Capitalismo é um sistema econômico baseado na desigualdade (precisa da desigualdade); Democracia é um regime político baseado na igualdade. Então como é que fica?



2/13/57
C 5955



✻ NEM NOS EUA.

VILMAR



O carioca Carlos Eduardo Novaes já fez de tudo: formou-se em Direito, teve firma de dedetização, fábrica de picolés, entrou para o jornalismo, escreveu roteiros para o

cinema, peças de teatro, show de humor, novela (*Chega mais*) para a TV Globo, trabalhou como ator, foi secretário de Cultura do Rio de Janeiro... Atualmente preside a Sociedade Brasileira de Autores (SBAT) e é vice-presidente da Federação Internacional de Autores Dramáticos (FEDRA). Seu talento literário pode ser comprovado nos mais de 30 livros que já publicou, dos mais variados gêneros. É um dos escritores mais lidos da atualidade.



Vilmar Rodrigues nasceu em 1931, em Bagé-RS, e desde criança se interessou pelo desenho. Em 1945, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi colaborador no

jornal *Última Hora* e, junto com os grandes nomes do humorismo nacional, teve participação expressiva no jornal *O Pasquim*. Artista consagrado, obteve o 3º prêmio no XI Salão Internacional de Humor, em 1974, no Canadá e possui obras em diversos acervos do Brasil, Japão, Estados Unidos, Paraguai e Espanha. Faleceu em 1995, depois de 22 anos de uma parceria de muito sucesso com Carlos Eduardo Novaes.

Capitalismo para principiantes apresenta a versão bem-humorada da história dos sistemas econômicos que levaram o povão para o buraco. São 435 quadrinhos, que unem o texto inteligente e divertido de Carlos Eduardo Novaes ao traço vivo das ilustrações de Vilmar Rodrigues. Um livro que vai interessar a todos. Inclusive a eles, é claro, os capitalistas.

No princípio era o verbo.



Com a chegada do Capitalismo, mudou o verbo do princípio.



ISBN 978-850408592-7



9 788508 085927

PS



Nº de Reg 409164